

RESSALVA

Atendendo solicitação da autora, o texto completo desta tese será disponibilizado somente a partir de 21/04/2021.

MILENA TARZIA

**O ORFISMO E A REPRESENTAÇÃO MÍTICA DE DIONISO-ZAGREU
NA GRÉCIA CLÁSSICA: uma análise historiográfica**

ASSIS

2019

MILENA TARZIA

**O ORFISMO E A REPRESENTAÇÃO MÍTICA DE DIONISO-ZAGREU
NA GRÉCIA CLÁSSICA: uma análise historiográfica**

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para obtenção do título de DOUTORA em História.

Área de conhecimento: História e Sociedade

Orientadora: Dra. Andréa Lúcia Dorini de Oliveira Carvalho Rossi.

ASSIS

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Vânia Aparecida Marques Favato - CRB 8/3301

T196o Tarzia, Milena
O Orfismo e a representação mítica de Dioniso-Zagreu
na Grécia clássica: uma análise historiográfica / Milena
Tarzia. Assis, 2020.
270 f. : il.

Tese de Doutorado - Universidade Estadual Paulista
(UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientadora: Dra. Andrea Lucia Dorini de Oliveira
Carvalho Rossi

1. Orfismo. 2. Mitologia grega. 3. Grécia - Vida e costumes religiosos - História. I. Título.

CDD 292



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE: O ORFISMO E A REPRESENTAÇÃO MÍTICA DE DIONISO-ZAGREU NA GRÉCIA CLÁSSICA: uma análise historiográfica

AUTORA: MILENA TARZIA BARBOSA DA SILVA

ORIENTADORA: ANDRÉA LUCIA DORINI DE OLIVEIRA CARVALHO ROSSI



Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Doutora em HISTÓRIA, área: História e Sociedade pela Comissão Examinadora:

Prof. Dra. ANDRÉA LUCIA DORINI DE OLIVEIRA CARVALHO ROSSI
Departamento de História / UNESP/Assis

Prof. Dr. FÁBIO VERGARA CERQUEIRA
UFPEl / Pelotas/RS

Prof. Dr. IVAN ESPERANÇA ROCHA
Departamento de História / UNESP / Assis

Prof. Dr. RAFAEL VIRGÍLIO DE CARVALHO
Bauru / SP

Prof. Dr. MARCIO TEIXEIRA BASTOS
Stanford / Califórnia/CA

Assis, 21 de outubro de 2019

À Salomé, Ophelia, Samantha, Doró, Pablo, Tininho, Fumaça, Cleo e Bart.

AGRADECIMENTOS

Quando comecei a estruturar esta tese, em meados de 2016, minhas ideias iniciais sobre o orfismo eram bastante distintas das que agora apresento. As mudanças aconteceram não apenas pelo acesso e mergulho mais aprofundado às fontes e ao material consultado, mas principalmente porque eu obtive auxílio e conselhos de colegas da área e de outros campos do saber, pessoas que talvez nem imaginem o quanto contribuíram, ainda que indiretamente, para a confecção deste trabalho. Há aqueles que inspiraram e aqueles que continuam a inspirar, mas minha gratidão será eterna: aos meus avós maternos que, apesar de terem partido muito cedo (1994 e 1998), legaram-me duas grandes dádivas - o gosto e a possibilidade do estudo; e à responsável pela concretização deste, minha mãe, motivo maior de meu esforço e obstinação, sem dúvida, a maior incentivadora desta proposta, e quem primeiro me iniciou nos mistérios da vida.

Agradeço também e profundamente à minha orientadora Andrea Lúcia Dorini de Oliveira Carvalho Rossi pela diligente e paciente supervisão em todas as etapas desta pesquisa, pela confiança, acolhimento e sustentação do que aqui fora abordado. Seus conselhos, comentários, sugestões e encorajamento foram de incomensurável valia a mim.

Sou imensamente grata também ao Professor Alberto Bernabé Pajares, que acompanhou parte de minha trajetória de pesquisa, chegando a aprovar, inclusive, meu plano de estudos para o Doutorado-Sanduíche na Universidad Complutense de Madrid, plano este que infelizmente, por razões burocráticas e internas, não chegou a ser concluído. Suas intervenções e elogios durante a II Summer School da Cátedra Unesco Archai, da Universidade Nacional de Brasília, em março de 2018, na cidade de Florianópolis – SC, foram fundamentais para que eu levasse este desafio adiante e o concluísse com um pouco mais de fé em mim mesma e nos caminhos que escolhi seguir. Igualmente, agradeço ao Professor Gabriele Cornelli, pela oportunidade de participar de um evento tão rico, que me trouxe novos amigos, como o colega Edrisi Fernandes, o Prof. Renato Matoso Brandão (que não pode estar presente à época) e os Profs. Fernando Santoro e Rodolfo Lopes.

Pela delicadeza nas discussões e contemplação dos argumentos, sou grata a Professora Rachel Gazolla de Andrade, minha orientadora durante o Mestrado em

Filosofia, responsável por duas de minhas maiores paixões: a Antiguidade e orfismo – obrigada por ter me iniciado nestes mistérios.

Agradeço, desde já, aos professores Fábio Vergara Cerqueira e Ivan Esperança Rocha pelas sábias intervenções em minha Banca de Qualificação; aos Professores Rafael Virgílio de Carvalho e Márcio Teixeira-Bastos, pela presença e pelas contribuições em minha Banca de Defesa; aos Professores Gabriele Cornelli, Ricardo Gião Bortolotti e aos demais professores do Departamento de História da UNESP de Assis – SP.

Tive a oportunidade de apresentar partes desta tese em seminários, simpósios e congressos, mas devo especial menção ao Professor Jorge Luís Gutiérrez, do Departamento de Filosofia da Universidade Presbiteriana Mackenzie, pela acolhida dos trabalhos, apoio nas comunicações e preciosos feedbacks.

Ao amigo (e também Professor) Benedito Inácio Ribeiro, que me ouviu, acalmou e advertiu. Ao amigo João Gomes, pela ternura ao aconselhar-me, pela paciência, compreensão e afeto. Ao amigo Bruno Loureiro Conte, da época do mestrado, que me socorreu nos últimos momentos da tese. Aos meus alunos, que vivenciaram comigo as dores e as alegrias desta tese: muito obrigada!

Escrever uma tese é processo longo, complexo e solitário. Aqueles que me são caros suportaram muito bem este processo, e incluo neste suporte os que, talvez, mais tenham presenciado meus sorrisos e lágrimas, dores nas costas e pés inchados, meus filhotes Salomé, Ophelia, Samantha, Doró, Pablo, Tininho, Fumaça, Cleo e Bart, a quem despretensiosamente dedico esta pesquisa.

TARZIA, Milena. **O Orfismo e a representação mítica de Dioniso-Zagreu na Grécia Clássica: uma análise historiográfica.** 2019. 270 f. Tese de Doutorado em História. Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2019.

RESUMO

A presente tese tem por intento compreender e questionar a existência, a atuação e o papel desempenhado pelo mito de Dioniso-Zagreu na tradição órfica da Grécia clássica, e na eventual dramatização desses mistérios. Seria este realmente o *mito cardinal do orfismo* ou ele é uma ficção intencionalmente provocada pelas leituras apologéticas dos estudiosos do século XIX? Integra-se a ele uma antropogonia inovadora ou não há evidências para tal construção teórica? A antiguidade, o conteúdo e a centralidade do mito têm sido motivo de amplo debate entre os estudiosos do tema. E esses debates, muitas vezes, se ajustam a imagens viciadas e induzidas das fontes, referências, métodos e materiais de investigação. Enquanto alguns intérpretes e comentadores inserem sua origem e, sobretudo, sua propagação, a partir V século AEC, outros, influenciados pelo cetiscismo e pelos apelos da hiper crítica, advogam pela inexistência tanto do mito, quanto da doutrina do pecado original que supostamente faria parte da composição desta narrativa. Munida de perspectivas e interpretações plurais, esta pesquisa visa a percorrer a história da tradição órfica, em busca de imagens que deem conta dessa multiplicidade intrínseca e característica do universo dionisíaco, a fim de analisar também as crenças peculiares às práticas de representação dramática e se elas estariam presentes no ritual órfico, em especial no período clássico, a partir da simbologia estabelecida à época pelos testemunhos, pela iconografia e pelos textos esotéricos, como o Papiro de Derveni, o Papiro de Gurôb, as Lâminas de ouro e as placas de osso de Ólbia. Em que pese o recorte temporal desta análise, as fontes tardias e a contribuição discursiva dos neoplatônicos e primeiros autores cristãos não foram descartadas de imediato, posto que também compõem imagens, representações, valores e significações do orfismo, fenômeno híbrido que dialoga com uma variedade intensa de manifestações e que, em função disto, permanece presente como objeto de estudo dos mais controvertidos e lacunares, mas que nem por isso perde em beleza e complexidade.

Palavras-chave: Orfismo. Mito de Dioniso-Zagreu. Imagens e representações. Drama sacramental.

TARZIA, Milena. *The orphism and the mythical representation of Dionysos-Zagreus in Classical Greece: a historiographical analysis*. 2019. 270 f. Doctoral thesis in History. São Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Humanities and Languages, Assis, 2019.

ABSTRACT

This thesis aims to understand and question the existence, the performance and the role played by the myth of Dionysos-Zagreus in the Orphic tradition of classical Greece, and in the eventual dramatization of these mysteries. Is this really the cardinal myth of Orphism or is it a fiction intentionally provoked by the apologetic readings of nineteenth-century scholars? Is an innovative anthropogony integrated into it or is there no evidence for such a theoretical construction? The antiquity, content and centrality of the myth have been the subject of wide debate among scholars. These debates often fit in with misleading and induced images of sources, references, methods, and research materials. While some interpreters and commentators insert its origin and, above all, its propagation, from the 5th century BCE, others, influenced by the eighteenth century and the appeals of the hypercritic, advocate the inexistence of both, myth and the doctrine of original sin, that supposedly would be part of the composition of this narrative. Armed with perspectives and plural interpretations, this research aims to search the history of the Orphic tradition, looking for images that account for this intrinsic multiplicity and characteristic of the Dionysian universe, in order to analyze also the beliefs peculiar to the practices of dramatic representation and if they would be present in the Orphic ritual, especially in the classical period, from the symbology established at the time by the testimonies, iconography and esoteric texts such as Derveni's Papyrus, Gurôb's Papyrus, the Golden Tablets, and the Bone Tablets from Olbia. Despite the temporal outline of this analysis, the late sources and the discursive contribution of the neoplatonists and early Christian authors were not immediately discarded, since they also make up images, representations, values and meanings of orphism, a hybrid phenomenon that dialogues with an intense variety of manifestations and, because of this, remains present as an object of study of the most controversial and lacunar, but that nevertheless loses in beauty and complexity.

Keywords: Orphism. Myth of Dionysos-Zagreus. Images and representations. Sacramental Drama.

*“Ó almas presas, mudas e fechadas
Nas prisões colossais e abandonadas,
Da Dor no calabouço, atroz, funéreo!*

*Nesses silêncios solitários, graves,
que chaveiro do Céu possui as chaves
para abrir-vos as portas do Mistério?!”*

(Cruz e Sousa)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 AS IMAGENS DE ORFEU	19
1.1 Abordagem metodológica	21
1.2 O personagem mítico	30
1.3 Interpretações do mito	37
1.4 Diferentes imagens, outros Orfeus	41
1.5 Orfeu: um iniciado?	42
1.6 Quem são os órficos?	43
1.6.1 A religião órfica nos séculos VI, V e IV AEC	43
1.6.2 Transmissão de ritos	52
2 A TRADIÇÃO LITERÁRIA DOS TEXTOS ÓRFICOS	58
2.1 Identificação dos textos órficos	60
2.2 Teogonias, cosmogonias e escatologias	63
2.2.1 Rapsódias e Hinos	70
2.3 Literatura ritualística: textos esotéricos e fragmentos	79
2.3.1 O Papiro de Derveni (V/IV século AEC)	80
2.3.2 As lâminas de ouro do orfismo (V século AEC ao século II AEC)	84
2.3.3 As placas de Ólbia (V século AEC)	92
2.3.4 A lâmina romana do século II EC	96
2.3.5 O Papiro de Gurôb (final do século III AEC)	97
2.3.6 O Papiro de Bologna (II-III EC)	100
3 AS IMAGENS DE DIONISO-ZAGREU	104
3.1 Apresentação de Dioniso e seus epítetos: possibilidades	107
3.2 A representação mítica de Dioniso-Zagreu no orfismo dos séculos VI, V e IV AEC	113
3.3 O Mito do Desmembramento Revisitado	122
3.3.1 VI Século AEC	127
3.3.1.1 Onomácritos e Pausanias (VI – V séculos AEC)	128
3.3.1.2 Píndaro (VI – V séculos AEC)	130
3.3.2 Platão (V – IV séculos AEC)	133

3.3.3	Calímaco e Eufórion de Cálcis (IV e III séculos AEC)	137
3.3.4	I Século (AEC) e seguintes (EC)	142
3.3.4.1	Diodoro Sículo	142
3.3.4.2	Plutarco e Dion Crisóstomo	144
3.3.4.3	Olimpiodoro e Proclo	150
3.4	Conclusões	154
4	A REPRESENTAÇÃO E O DRAMA SACRAMENTAL NA RITUALÍSTICA	
	ÓRFICA	156
4.1	Atores e espaços sociais	157
4.2	Rituais órficos e a representação dos símbolos dionisiacos	160
4.3	O drama sacramental e os ritos órficos	176
4.4	Orfismo e Tragédia.....	182
	CONCLUSÕES	190
	REFERÊNCIAS	194
	ANEXO A – IMAGENS DE ORFEU	211
	ANEXO B – AS LÂMINAS DE OURO E AS PLACAS DE OSSO	219
	ANEXO C – PAPIROS	234
	ANEXO D – IMAGENS DE DIONISO, SEU SÉQUITO E DEMAIS DIVINDADES	
	RELACIONADAS AO DEUS	241

INTRODUÇÃO

Por volta do século VI AEC., a teologia órfica já estava estabelecida no mundo grego e a figura de Orfeu já era patrona de específicos rituais secretos – ainda que se considere que o corpo total da literatura órfica (*hieros logos*) não seja anterior ao período helenístico tardio. Os gregos mais desejosos de uma união pessoal com um deus, de uma identificação particular e maior com o divino, afastaram-se da religião tradicional e oficial da *polis* e passaram a recolher-se em associações privadas (*thiasoi, eranoi, orgeones*)¹, casas sagradas, agrupamentos separados que ofereciam aos seus adeptos propostas sedutoras de destinos privilegiados no além-mundo. Os documentos epigráficos e os diversos testemunhos literários (Gernet, 1960) nos dão a conhecer que o orfismo é uma dessas associações que assumem o aspecto de seita e que reclama uma importância determinante na transformação do sentimento religioso grego, ao elevar o significado da narrativa mítica e a imagem de Dioniso-Zagreu.

Diante deste cenário, a problemática que orienta o trabalho em apreço consiste justamente em compreender o papel da figura mítica de Dioniso-Zagreu no orfismo e, numa possível dramatização dos mistérios órficos, se Zagreu também estaria presente. Conectada a este pano de fundo está a questão do *mito central* do orfismo, o mito do despedaçamento de Dioniso-Zagreu pelos Titãs. A datação e mesmo a existência do mito têm sido severamente discutidas pelos estudiosos. Enquanto Bernabé data o mito (inclusive a antropogonia), como sendo do V século AEC, outros, como Edmonds, argumentam num sentido contrário, alegando que nem o mito nem a doutrina do erro originário compõem a narrativa órfica, que seria uma criação de Comparetti, datada de 1879.

Considerando que as imagens do deus sofreram inúmeras transformações ao longo dos séculos, a idade do mito é, com efeito, questionável. No entanto, Ésquilo já mencionava a relação Dioniso-Orfismo em sua peça *Bassarides*, da qual nos resta apenas um único fragmento.² Segundo alguns testemunhos (por exemplo, os de

¹ Modelos de agrupamento típicos das práticas místicas.

² Ver mais em: *Aeschylus Fragments*, obra editada e traduzida do grego para o inglês por Alan. H. Sommerstein, publicada pela Loeb Classical Library.

Estobeu e Téofilo de Antióquia), a peça narra a morte de Orfeu pelas mãos das bassárides, seguidoras de Dioniso.

Com base nos textos que sobreviveram à tradição órfica, a hipótese da pesquisa é a de que a antiguidade e o conteúdo do mito, à luz, inclusive, das fontes esotéricas, é relativa ao período clássico e, que a reatualização do mito transformou as práticas órficas e a representação sacramental, reorganizando as condições socioculturais da *polis* grega. O orfismo era também um modo de abdicação e rejeição da *polis* vigente (Detienne, 1970), já que o ritual central de toda a esfera pública religiosa fora recusado (sacrifício/comensalidade), em detrimento do compromisso com a doutrina da metempsicose (Tarzia, 2018).

Desse modo, o objeto desta pesquisa permite analisar a atualização das crenças peculiares às práticas de representação dionisíaca, principalmente quanto à possível dramaticidade do ritual órfico, por entre a última metade do século VI AEC e os dois séculos seguintes (período clássico), a partir da interpretação dos valores simbólicos atribuídos a objetos sagrados, ditos e escritos, resgatados pelos testemunhos, papiros, vasos, afrescos, lâminas e placas de osso.

Pesquisar sobre o orfismo não é tarefa fácil. Uma das maiores dificuldades no estudo do orfismo é encontrar fontes confiáveis de investigação e poucas obras atuais abordam a temática em português, principalmente no que concerne ao caráter dramático da ritualística órfica e à imagem de Dioniso-Zagreu.³ Há muito material sobre Dioniso e há muito material sobre as Tragédias, por exemplo, mas poucas análises que orientem as relações entre orfismo, dionisismo e tragédia.

As referências estudadas exemplificam a complexidade da trajetória e é digno de nota que, de todas estas obras de difícil acesso no Brasil, poucas são publicações relativamente recentes. Há livros de Edmonds e Carratelli que datam do início dos anos 2000, livros de Bernabé, de 2013, e livros sobre a iconografia de Dioniso, que datam de 2015, mas a maioria das referências data do século XIX ou do início do século XX. Nesse sentido, além da temática rara, o objeto de pesquisa se mostra relativamente inédito na literatura histórica brasileira sobre o tema. O recorte histórico também é bastante relevante para a produção historiográfica brasileira, na medida em que pouquíssimos trabalhos tratam do orfismo no contexto em questão: contexto de crise dos valores tradicionais da *polis* (surgimento da

³ Apenas uma obra foi encontrada especificamente sobre o assunto; de 1930.

tragédia) e de transformações políticas e religiosas. Em geral, os estudos sobre o orfismo se concentram no período helenístico, em razão da amplitude das fontes tardias e do surgimento de poemas pseudo-epigráficos posteriores.

Quase nada foi publicado em língua portuguesa sobre os acontecimentos que fazem referência ao orfismo e que se deram neste período, se compararmos com as publicações estrangeiras. A maioria das publicações brasileiras sobre o tema estão nas áreas dos Estudos Clássicos, da Filosofia e da Antropologia, e há poucas pesquisas na área da História. Em que pese a tradição literária do orfismo, dificilmente se achará textos que tratem especificamente da dramaticidade da ritualística órfica e de relatos dos rituais. Há apenas uma investigação filosófica (e não histórica) sendo realizada pelo centro de estudos do Grupo Archai, da Universidade de Brasília em conjunto com o Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais. Desse modo, a partir do estudo contextual efetuado junto a obras estrangeiras, o conhecimento desses fatos e ritos poderá ser difundido no Brasil por meio de publicações voltadas à temática da tese.

A temática do orfismo e da representação mítica de Dioniso-Zagreu no período clássico, bem como a análise da representação dramática nos mistérios órficos já é original por si só, já que seu enfoque aparece como uma guinada de perspectiva (não tem Orfeu enquanto paradigma). O que a proposta da pesquisa intenciona não é somente analisar um conjunto simbólico e suas relações, mas os sujeitos que produziram e consumiam os discursos que hoje analisamos como fontes históricas. Almeja-se compreender como que, através de seus simbolismos, os fiéis se organizavam numa comunidade, num agrupamento fechado pautado numa relação identitária única (*orphiko*). Nesta direção, o relevo desta pesquisa está na abordagem metodológica adotada, cujos pressupostos teóricos que aportam a análise se mostram atuais e se encontram nas pautas das discussões historiográficas que bebem da antropologia histórica, da sociologia e da filosofia.

Por essas razões, esta tese se debruça também sobre o entendimento do conceito de “representação”, entendido enquanto prática de atualização da crença. É a partir da percepção dos atributos de valor particulares ao orfismo que a pesquisa encontra, talvez, maior relevância historiográfica. O conceito de representação escolhido para este trabalho, dentre os vários possíveis, não se toma apenas pela simbologia, mas por sua capacidade eminente de referenciar. Assim, a lição de Pierre Bourdieu (1980, p. 67), em seu artigo *L'indentité et la représentation*, é

salutar: ela indica que a representação encontra sua força e confirmação através da “evocação das coisas”, isto é, no direcionamento do olhar para os elementos que representam o objeto, para aquilo que o enuncia, e não faz menção direta a este mesmo objeto. Portanto, é no ato de evocar, de relacionar o objeto com seu referente, que a ideia de representação encontra sua aplicabilidade. A lição de Bordieu explica a relação da *representação* com a prática ritualística do orfismo, que se pauta em três elementos comuns aos cultos de mistérios: *drómena*, *legómena* e *deicnymena*.

Indo ao encontro da linha de pesquisa ofertada pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/Assis - SP, o conceito de representação enquanto prática permitiu conferir como o perfil do sagrado pôde ser explorado pela seita órfica, nos séculos VI, V e IV AEC., através da imagem dionisíaca. É nesse sentido que o sagrado se caracteriza como o valor religioso por excelência através do qual as crenças eram fortalecidas, e não apenas como um objeto antropológico, histórico ou sociológico com múltiplas expressões.

Logo, é por intermédio da noção de crença que a análise das fontes se mostra mais nitidamente factível, pois, com o seu esclarecimento, poderão ser vislumbrados os passos metodológicos para o cumprimento dos objetivos propostos. Esses passos estão descritos com maior profundidade na seção 1.1 do primeiro capítulo da tese. Nos capítulos iniciais, a crença aparece, por conseguinte, como uma possibilidade de enunciação de que os fiéis (os órficos) se valem para recriar novas realidades conforme seus interesses. Pensando nela (crença) é que a esfera do não-visível se funde à herança material dos discursos históricos.

Do que foi exposto, o ponto nevrálgico da análise se direciona às crenças que compunham o espaço representativo dos seguidores órficos e à relação entre rito e mito. Todavia, um problema que merece ser resolvido é: como as fontes serão lidas e interpretadas a partir destes instrumentos teóricos? A trajetória metodológica perpassará por três momentos subsequentes: leitura e interpretação dos textos, visando à percepção das relações simbólicas nas práticas órficas; análise destas distinções simbólicas por meio da interpretação das significações elaboradas pelos fiéis, de modo a perceber as apropriações efetivadas por eles; e, por fim, analisar os usos que os fiéis fizeram das crenças que configuravam a representação dionisíaca, alcançada com a análise das relações simbólicas e de seus papéis no interior do

orfismo enquanto seita de mistérios. Atingido o conhecimento sobre as práticas e crenças órficas e, quando suas produções tiverem sido esclarecidas, o resultado permitirá a conclusão do estudo por meio das relações entre rito e mito.

Há que se notar a dificuldade de se apurar as fontes, já que, por volta do século IV AEC, teve início uma extensa produção de poemas pseudo-epigráficos atribuídos aos órficos ou a Orfeu, que se estende até a era cristã, principalmente entre os filósofos neoplatônicos. Conferia-se a uma ideia ou a um poema o *status* do orfismo para lhe garantir autoridade perante os gregos. Entretanto, a pesquisa tem um trunfo: trata-se de uma tradição literária cujo cânone compreendia poemas teogônicos, cosmogônicos e escatológicos. Portanto, as fontes que serão elencadas para a realização da pesquisa abarcam o corpo literário e documental de poemas, como os hinos e rapsódias órficas ⁴, além dos textos esotéricos preservados em papiros, placas e lâminas de ouro, que desempenharam papel importante durante os rituais e iniciações, e também os testemunhos contemporâneos e tardios de filósofos, dramaturgos, historiadores e estudiosos, tais como Platão, Eurípedes, Pausânias, Plutarco, etc. ⁵ Quanto à iconografia, serão analisadas, ainda que brevemente, algumas peças de cerâmica e bronze gregas e itálicas do período clássico, além de espelhos, relevos, afrescos e papiros.

Todos os textos foram consultados em obras nacionais e estrangeiras e, eventualmente, em sítios eletrônicos de museus, universidades estrangeiras, em especial a de Cambridge, já que há grande contribuição para o tema partindo dos ritualistas de Cambridge, tais como Harrison, Cornford, Cook, Murray e o neo-ritualista Walter Burkert. As fontes gregas dispõem de traduções para o francês, espanhol e o inglês, e os textos esotéricos já foram traduzidos para o português por iniciativa do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais, sob a organização de Gabriela Guimarães Gazzinelli.

Qualquer outra pista encontrada nos textos ou fragmentos de textos cujas autorias são atribuídas aos testemunhos tardios se mostra importantíssima ao investigador da História. O arranjo espaço-temporal das fontes é imprescindível à análise de qualquer apropriação simbólica. Por isto, o corpus documental se restringirá à Ática e à Magna Grécia, bem como aos períodos anteriormente

⁴ As Argonáuticas não serão objeto direto deste trabalho, diante da complexidade temática que envolve a coletânea. No entanto, reconhece-se seu valor literário e relevância para os estudos do orfismo em períodos tardios.

⁵ Cita-se também Ésquilo, Damácio, Heródoto, Aristófanes, Aristóteles, Píndaro, entre outros.

mencionados. E, a partir desses textos e documentos, de suas disposições e posteriores análises, é que o objetivo poderá ser alcançado, as hipóteses averiguadas e a problemática esclarecida.

Ora, quando uma obra é produzida, ela materializa um discurso ao utilizar momentaneamente certos enunciados e não se encerra naquele instante determinado. No caso, o *discurso* órfico não se encerrou na Grécia Clássica. O legado não deixou de circular através da escrita, da oralidade e até mesmo de imagens, e, por isso, as ideias órficas foram objeto de apropriação para a construção de novas crenças, inclusive entre os cristãos ⁶ e os neoplatônicos (III EC a VI EC). Portanto, os textos das fontes não passam de pistas acessíveis ao investigador da História, sobre um momento determinado de uma contínua valorização discursiva efetivada no passado. Levando-se em conta essa perspectiva, é que se buscou realizar nesta tese uma interpretação plural e aberta, a respeito das crenças que os fiéis órficos tinham sobre a alma, sob o cerne da imagem de Dioniso-Zagreu.

Assim, no primeiro capítulo desta pesquisa, abordam-se as imagens de Orfeu, poeta que teria sido o fundador dos mistérios órficos e o primeiro a transmití-los; e realiza-se uma análise inicial da tradição órfica e do que seria o orfismo no período clássico. Ao final do capítulo, percorre-se justamente a transmissão de ritos e verifica-se como ela (a transmissão) teria dado origem à tradição literária dos textos sagrados do orfismo.

O segundo capítulo dedica-se a entender o corpus literário órfico, a partir de sua identificação e de sua constituição em teogonias, cosmogonias, hinos e rapsódias. Esclarecidas cada uma destas narrativas, em suas múltiplas interpretações, procuramos compreender também a literatura ritual: aquela que se dispõe nos textos e fragmentos das lâminas de ouro, das placas de osso e dos papiros.

O terceiro capítulo foi estruturado no intuito de resolver as dificuldades trazidas à tona pelos dois primeiros. Mais denso, ele apresenta as imagens de Dioniso em seu teônimo Zagreu, a representação mítica que dele foi feita no período clássico e uma revisitação do mito do desmembramento, onde se analisa pontualmente os debates existentes sobre a antropogonia órfica. Cada fonte testemunhal é considerada a partir de seu contexto histórico e o mito é realocado,

⁶ O estudo das possíveis relações entre orfismo e cristianismo será aprofundado numa próxima pesquisa.

diante das interpretações apresentadas. Uma nova constatação e possibilidade é aventada.

Ao final da tese, apresentam-se os atores e espaços sociais disponíveis ao orfismo e ao dionisismo. A hipótese de dramatização ritualística dos mistérios é encarada a partir deste cenário e as possíveis relações entre o orfismo e a tragédia são exploradas de forma sutil, a fim de deixar em aberto ao leitor a interpretação sugerida.

Cumprе esclarecer, por derradeiro, que boa parte dos fragmentos analisados nesta tese estão dispostos na coletânea dos *ORPHICORUM ET ORPHICIS SIMILIUM TESTIMONIA ET FRAGMENTA* (passagens em gregos e latim), editadas inicialmente por Kern, em 1922, e por Bernabé, em 2004, e que a indicação dos fragmentos aparece nesta pesquisa precedida pela abreviatura *OF* e, na sequência, a numeração correspondente, conforme a edição utilizada. As demais abreviaturas seguem com notas explicativas no próprio corpo do texto.

A maioria das citações dos autores contemporâneos aparece em língua original, e a maior parte dos termos gregos foi transliterada, com exceção para algumas citações mais antigas. As traduções realizadas no corpo do texto são de minha autoria, salvo algumas passagens dos anexos, explicitamente indicadas. Optamos por não elaborar uma lista de figuras, já que elas vêm descritas nos anexos finais, indicadas numa sequência numérica e lógica, conforme as normas da ABNT. A maioria das figuras foi extraída de endereços eletrônicos de museus que mantêm o acesso online a seu acervo (ou parte dele) ou a partir de fotos autorizadas e tiradas pela autora da tese. Há, nos anexos, explicações sobre o contexto e a disposição das imagens. Esperamos, apenas, que o leitor desfrute.

CONCLUSÕES

A despeito de ser considerada uma tradição escrita, a história da tradição órfica é uma história que se oculta, que é lacunar e quase sempre seletiva. Cada escolha interpretativa na perquirição das fontes pressupõe, muitas vezes, o abandono de posicionamentos, máscaras e evidências argumentativas que não deixam de inaugurar sua importância. A opção que inauguramos a partir da hipótese de reconhecer a existência, a antiguidade e a centralidade do mito de Dioniso-Zagreu e os Titãs no coração do orfismo tornou-se fruto de um paradigma que não é nem cristão, como critica Edmonds, nem moderno, como supõe Brisson, tampouco diz respeito a uma antropogonia de criação, como crê Bernabé, mas que se coaduna satisfatoriamente com as manifestações *espontâneas* das tensões do gênero dramático.

Ao eleger o paradigma da tragédia para abraçar um mito órfico não o fazemos inocente ou levemente. Foram anos tentando entender como o trágico, ou seja, o efeito imediato da tragédia, a catarse em si mesma, funcionava enquanto prática purificatória numa dimensão que requer expressão em versos, em danças, em encenações, sacrifícios, mas, principalmente, que exige uma experiência emotiva muito própria das crenças místicas.

Aceitar o mistério da existência supõe o limite do homem e a ordem que nos é inacessível ao mesmo tempo. A “solução” trágica, se é que podemos falar em solução, seria a aceitação consciente do próprio trágico, deste limite que nos é imposto e que, pelos órficos, era interpretado como a própria vida. Aceitar a condição de grande nada tem de resignação. Um *sim* tanto à ruptura quanto à punição sofrida é também redenção, porque o homem que melhor se afirma é, afinal, o que transgredir a ordem (Tarzia, 2012, p. 42).

E os órficos, transgressores como Orfeu, sectários em suas práticas, respeitando tensões e limites, não se deixaram dominar pela condição humana de resignação. Aceitam a expiação, aceitam a punição, mas se impõem sobre elas quando dançam, encenam, jogam, escrevem, suplicam. Assim como a catarse trágica liberta, as purificações e o estilo de vida órfico são organizados para libertar: o espectador/leitor, pela emoção vivenciada, adquire uma nova compreensão de um determinado contexto ou objeto e é precisamente por isso que a purificação liberta,

porque ensina e doa sentido ao que antes não se conhecia. Iniciado é aquele que busca conhecer, para quem sabe, talvez, um dia, ensinar, libertar.

Assim, mesmo que os testemunhos às vezes nos soem conflitantes, que as fontes não tragam certezas evidentes ou segurança, o desafio de interpretar interpretações permanece e não é apenas nosso. O Papiro de Derveni é exatamente uma leitura e interpretação de alguns poemas sagrados que formavam parte de um rito de iniciação órfico. Em outras palavras, já no V século AEC um comentarista interpretava interpretações sobre o orfismo e provavelmente enfrentava os mesmos desafios daqueles que hoje se dedicam a compreender enigmas.

Talvez o ascetismo órfico, o vegetarianismo e outros preceitos morais pareçam distantes ou incompatíveis com o cenário trágico. Mas a proliferação de elementos órficos fora da esfera religiosa é inquestionável - basta lembrarmos da presença desses elementos na Filosofia e na poesia. É por isso que, da mesma forma que apresentamos um Dioniso em sua máxima pluralidade, também não se pode pensar no orfismo como um sistema único e fechado de representações. Assim como são múltiplas as interpretações, são vários os orfismos a serem encarados e, mesmo não podendo recuperar em sua integralidade toda essa diversidade cultural e religiosa, cabe a nós, pesquisadores, considerar os paradigmas antigos e dialogar com eles, sem que, por isso, nos limitemos ao que já se tem como certo.

No início desta tese, a hipótese acobertava uma espécie de indignação no trato de algumas fontes e nas interpretações que soavam cada vez mais contraditórias, como, por exemplo, as de Edmonds que, atribui a criação do mito de Zagreu a estudiosos do século XIX, mas não nega a existência do mito ou sua periodicidade. O que Edmonds está em verdade e, com razão, desaprovando é a existência de uma concepção de *pecado original* a este mito caro ao orfismo. E não há, com efeito, essa noção, posto que isso seria de um anacronismo sem tamanho. O que há é uma referência comum ao período, que trata do erro ou da mancha originária, hereditária, comum ao universo mitológico de diversas outras culturas, e que não tem, ao menos não no período clássico, nenhuma relação com a noção de pecado original cristã. E, como pudemos observar, também não há razões para acreditarmos que esse mito pressupõe uma antropogonia fundamentada numa *história da criação*. Esse foi provavelmente o maior deslocamento sofrido pela autora desta tese em solo metodológico: constatar que realmente se trata de uma narrativa

sobre a origem espontânea dos homens,²⁵³ e não uma história da criação, e de que a tragédia poderia ser um caminho mais amplo para a compreensão desse fenômeno tão complexo e que se oculta ainda mais quando questionamentos deixam de ser realizados, quando problemas deixam de ser enfrentados.

Boa parte dos textos e fragmentos órficos tratam dos caminhos que os iniciados devem seguir. As lâminas indicam às vezes a direita, às vezes a esquerda, apresentam sinais místicos como os ciprestes, fontes, rios, guardiões, falam de bosques e pradarias:

Mystai e bákchoi trilham um caminho sagrado, cujo destino é a felicidade eterna. Píndaro chama-lhe “O caminho de Zeus”. Dominarás a par dos outros heróis, diz outro texto de lâmina. A função da iniciação era fornecer saber e certeza sobre esse caminho. (BURKERT, 2005, p. 78)

Ao caminho sagrado dos iniciados corresponde o caminho para a Montanha, a Oribásia: o além é uma repetição dos mistérios.

Das primeiras análises desta tese, e depois de constatados os resultados imagéticos, rituais, literários, representativos e dramáticos, caminhamos agora para a chegada. Se estamos numa Montanha, não sei. Deixemos claro, apenas, que essa chegada não é um ponto final, é só mais um ponto de partida, o início de uma próxima viagem. E é provável que o próximo modelo de jornada continue sendo o mesmo.²⁵⁴

Nesta via mística, em que intentamos procissões carregando imagens vulneráveis, podemos ou não, na subida, ser acompanhados pelos fiéis. Talvez nosso séquito não seja o dos devotados e puros o suficiente, mas não tenho dúvidas de que aqueles que chegaram até aqui também tiveram, em alguma medida, seus estatutos alterados, seus ritmos descompensados, ao menos uma profunda

²⁵³ Perspectiva muito mais próxima, inclusive, das outras antropogonias anteriores ou condizentes com a geografia e o período analisado. Em Hesíodo, por exemplo, a raça dos mortais também surge espontaneamente do solo, do pó, e ao pó retornaria. Não há uma divindade que modele a argila do solo e insuffle nas narinas dos humanos um hálito de vida. A ideia de criatura não parece ter qualquer relação no âmbito órfico, diferentemente dos mistérios de Elêusis, por exemplo, em que, muitas vezes, o iniciado chegava a se colocar mimeticamente como filho adotivo de Deméter. Veja que mesmo a frase “Filho da Terra e do Céu estrelado” pressupõe apenas a herança titânica ou a origem ancestral maculada – isso não implica em criação propriamente dita, ou que os órficos se enxergassem como seres criados por divindades. Ao contrário, o *status* de divindade era o almejado (e não o de criatura). Esse desejo fica mais nítido quando pensamos, por exemplo, na Lâmina de Roma, em que Cecília Secundina é chamada, para ser legitimamente convertida em deusa.

²⁵⁴ Gabor Betegh (2014) afirma que os órficos dispunham de dois modelos de compreensão do relacionamento entre a alma individual e a divina: “*The portion Model*” e “*The journey model*”. Parece que optamos pelo modelo da jornada.

curiosidade sobre os mistérios. Se assim o é, nosso ponto de partida tem uma base comum. Esperamos que, cerradas as portas, abalados, os leitores deste texto comunguem conosco não apenas a paixão pela História viva (ainda há muito do oculto para se descobrir), mas pelas metáforas da linguagem tão próximas dos mistérios.

REFERÊNCIAS

AESCHYLUS FRAGMENTS, editado e traduzido por Alan. H. Sommerstein, Loeb Classical Library, 2008.

ARISTÓFANES. **As Aves**. Trad. Adriane da Silva Duarte. São Paulo, Hucitec, 2000.

ALBINUS, Lars. **The house of Hades. Studies in Ancient Greek Eschatology**. Editado por Per Bilde et. al. Aarhus, Aarhus University Press, 2000.

ARGONAÚTICAS ÓRFICAS. Trad. de Manuel Sánchez Ortiz de Landaluce. Cadiz, 2005.

AVAGIANOU, Aphrodite. *Physiology and Mysticism at Pherai. The Funerary Epigram for Lykophron*, **Kernos**, 15, 2002, pp. 75-89.

BERNABÉ, Alberto. **Orphicorum et Orphicis similibus testimonia et fragmenta. Poetae Epici Graeci. Pars II. Fasc. 1**. Bibliotheca Teubneriana, München/Leipzig: K.G. Saur, 2004.

_____. **Orfeo y Eleusis**. 2008. In: Synthesis. Vol. 15, p. 13-36.
Disponível em:
http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.3580/pr.3580.pdf Acesso em:
25 jul 2016.

_____. **Orfeo y la tradición órfica – un reencuentro**. vols. 1 e 2, Madrid, Akal, 2008.

_____. **Hieros logos. Poesia órfica sobre os deuses, a alma e o além**. São Paulo, Paulus, 2008.

_____. **La toile de Pénélope: a-t-il existé un mythe orphique sur Dionysos et les Titans? In: Revue de l'histoire des religions**, tome 219, n°4, **L'orphisme et ses écritures**. Nouvelles recherches, 2002, pp. 401-433.

_____. **Orfeo y la Filosofía**. In: HYPNOS, São Paulo, número 27, 2º semestre, 2011, pp. 183-204.

_____; CASADESÚS, Francesc; SANTAMARÍA, Marco Antonio. **Orfeo y el orfismo – nuevas perspectivas**. Alicante, Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2010.

_____. et. al. **Dioniso. Los Orígenes. Textos e imágenes de Dioniso y lo dionisiaco en la Grecia Antigua**. Madrid, Liceus, 2013.

_____. et. al. **Redefining Dionysos**. Berlim, De Gruyter, 2013.

_____; SAN CRISTÓBAL, Ana Isabel Jiménez. **Instructions for the Netherworld. The orphic gold tablets**. Leiden, Brill, 2008.

BERNABÒ-BREA, Luigi; CAVALIER, Madeleine. **Meligunis Lipàra II. La necropoli greca e romana della Contrada Diana**. Palermo, 1965. Disponível em: www.egramma.it. Acesso em 03 set 2019.

BETEGH, Gábor. **The Derveni Papyrus. Cosmology, Theology and Interpretation**. Edited by Richard Janko. Cambridge, Cambridge University Press, 2004.

_____. **Pythagoreans, Orphism and Greek religion. In: A History of Pythagoreanism**. Editado por Carl A. Huffman. Cambridge, Cambridge University Press, 2014, pp. 149-166.

BIANCHI, Ugo. **La religione greca**. Turim, Utet Libreria, 1975.

BLEGEN, Carl W. *The Palace of Nestor Excavations of 1955*. **American Journal of Archaeology**, Vol. 60, n.2, April, Boston, 1956, pp. 95 – 101.

BOTTINI, Angelo. **Tra metallo e ceramica. Trasmissione di forme e di elementi decorativi: due studi**. *Bollettino di Archeologia Online, direzione generale per le antichità. Ministero per i beni e le attività culturali*. II, 1/2011, pp. 1 – 20.

BOULANGER, André. **Orphée – rapports de l'orphisme et du christianisme**. Paris, F. Rieder et Cie., 1925.

BOURDIEU, Pierre. *L'identité et la représentation*. In: **Actes de la recherche en science sociales**. v. 35, s/n, p. 63-72. 1980.

BOWRA, Maurice. *Orpheus and Eurydice*. **The Classical Quarterly**, Vol. 2, 1952, pp. 113–26.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. Vol. II, 10ª ed., Petrópolis, Vozes, 1999.

BRANDÃO, Fernando dos Santos. **Píndaro, o poeta dos Jogos**. A sexta Neméia de Píndaro. 2013. Disponível em: <http://olimpia776.warj.med.br/txt07.html>. Acesso em: 02 ago 2019

BREMMER, Jan N. *The Early Greek Concept of the Soul*. Princeton, Princeton University Press, 1991.

BRESLIN, Joseph. *A Greek Prayer*. Pasadena, 1977.

BRISSON, Luc. *Orphée et l'orphisme dans l'Antiquité gréco-romaine*. Aldershot, Variorum, 1995.

_____. *Le corps "dionysiaque". L'antropogonie décrite dans le Commentaire sur le Phédon de Platon (1. § 3-6) attribué à Olympiodore est-elle orphique?* In: *Chercheurs' de sagesse. Hommage à Jean Pépin*. Paris, Institut d'Études augustiniennes, 1995, VII, pp. 481-499.

BURKERT, Walter. *Orphism and Bacchic Mysteries*. Berkeley, The Center for Hermeneutical Studies in Hellenistic and Modern Culture, University of California, 1977.

_____. *Religião grega na época clássica e arcaica*. Tradução de M. J. Simões Loureiro. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

_____. *Cultos místéricos antiguos*. Traducción de Maria Tabuyo y Agustín Lopez. Madrid, Editorial Trotta, 2005.

_____. *Profesión frente a secta: el problema de los órficos y los pitagóricos*. Traducción de Alejandro Casadesús. Taula, quaderns de pensament (UIB), Barcelona, n. 27-28, 1997.

CARPENTER, Thomas. H. *Dionysian Imagery in Archaic Greek art. Development in black-figure vase painting*. Oxford, 1986, pp. 55-75.

CARRATELLI, Giovanni Pugliese. *Les lamelles d'or orphiques*. Paris, Les Belles Lettres, 2003.

CASADÉSUS, Francesc. *Revisió de les principals fonts per a l'estudi de l'orfisme a l'època clàssica. Plató i el Papir de Derveni*. (Tese de Doctorado). Universitat Autònoma de Barcelona, Bellaterra, 1995.

_____. *Estudios sobre Plutarco: Misticismo y religiones místéricas en la obra de Plutarco*. Actas del VII Simposio Español sobre Plutarco. Madrid-Málaga, Clasicas, Ediciones, 2001.

CASADIO, Giovanni. *Préhistoire de l'initiation dionysiaque*. In: Moreau (ed.), 1992, pp. 209-213.

_____. **Dionysos entre histoire et sociologie.** DHA, n.15, 1989, pp. 285-308.

CHARTIER, Roger. **Pouvoir et limites de la representation: sur l'oeuvre de Louis Marin.** Annales: Histoire, Sciences Sociales. Ano 49, n. 2, p. 407-418. 1994.

_____. **A História Cultural: entre práticas e representações.** Lisboa, Difel, 1990.

CÍCERO. **De Natura Deorum. On the nature of the Gods, Academics.** Trad. Harris. Rackham. Loeb Classical Library, Harvard University Press, Cambridge, 1933.

CLÉMENT D'ALEXANDRIE. **Le Protreptique.** Introduction, traduction et note par Claude Mondérset et André Plassart. Édition Revue et argumentée du texte grec. Paris, Éditions du Cerf, 2004.

COLLI, Giorgio. **La sabiduría griega.** Traducción de Dioniso Mínguez. Vol I. Madrid, Editorial Trotta, 2008.

_____. **La sabiduría griega.** Traducción de Dioniso Mínguez. Vol II. Madrid, Editorial Trotta, 2008.

_____. **La naissance de la philosophie.** Traduction de Patricia Farazzi. Paris, Éditions de l'aire, 1981.

CORNFORD, Francis M. **Principium Sapientiae. The origins of greek philosophical thought.** Cambridge, Cambridge University Press, 1952.

_____. **De la Religión a la Filosofía.** Trad. de Antonio Perez Ramos. Barcelona, Editorial Ariel S.A, 1984.

_____. **Plato and Orpheus.** In: **The classical review**, v.17, pp. 433-445, dez., 1903.

CORNELLI, Gabriele. **Em busca do Pitagorismo: o Pitagorismo enquanto categoria historiográfica.** Universidade do Estado de São Paulo. 276 fls. (Tese de Doutorado), São Paulo, 2010.

COSCIA, Alessandro. **Gli Orfici del Mar Nero.** Fenix, n.35, 2011, pp. 66-72.

D'AGOSTINO, Hector. **Onomacriti. Testimonia e Fragmenta.** Pisa/Roma, 2007.

D'ANNA, Nuccio. **Da Orfeo a Pitagora. Dalle estasi arcaiche all'armonia cosmica.** Roma, Simmetria Edizioni, 2010.

DETIENNE, Marcel. *La cuisine de Pythagore*. Paris, Archives des sociologie des religions 29, 141-61, 1970.

_____. *A escrita de Orfeu*. Traduzido por Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1991.

DETIENNE, Marcel. *Les maîtres de la vérité dans la Grèce archaïque*. Paris, Librairie Générale Française, 2006.

_____. *Dioniso a Céu Aberto*. Tradução de Carmen Cavalcanti. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

DICKS, David Reginald. *Early Greek Astronomy to Aristotle*. Bristol, Thomas e Hudson, 1970.

DIELS, Hermann. *Doxographi graeci*. Berlim, Reimer, 1879.

DI MARCO, Massimo. *Dioniso ed Orfeo nelle Bassaridi di Eschilo*. In: *Orfeo e l'orfismo*. Masaracchia (ed), Roma, 1993, pp. 101-153.

DIODORUS SICULUS. *Library of History. Books III – VIII*. Translated by Oldfather, C. H. Loeb Classical Library Volumes 303 and 340. Cambridge, MA, Harvard University Press, London, 1935. Disponível em: <https://www.theoi.com/Text/DiodorusSiculus4A.html> Acesso em 04 ago 2019.

DODD, David B.; FARAONE, Christopher A. *Initiation in Ancient Greek. Rituals and Narratives*. New critical perspectives. Routledge, Londres, 2013.

DODDS, Eric Robertson. *Los griegos y lo irracional*. Traducción de María Araujo. Madrid. Alianza Editorial, 2010.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. Trad. Mônica Siqueira Leite de Barros e Zilda Zakia Pinto. São Paulo, Perspectiva, 2010.

EDMONDS, Radcliffe G. *The “orphic” gold tablets and greek religion*. Cambridge, Cambridge University Press, 2004.

_____. *Redefining ancient orphism: a study in greek religion*. Cambridge, Cambridge University Press, 2013.

_____. *Tearing Apart the Zagreus Myth: A Few Disparaging Remarks on Orphism and Original Sin*. Classical Antiquity, Vol. 18, nº 1, 1999, pp. 35-73.

ELIADE, Mircea. **História das crenças e das ideias religiosas. Da idade da Pedra aos mistérios de Elêusis.** v.1. Trad. Roberto Cortes de Lacerda. São Paulo, Zahar, 2010.

_____. **História das crenças e das ideias religiosas. De Gautama Buda ao triunfo do cristianismo.** v. 2. Roberto Cortes de Lacerda. São Paulo, Zahar, 2011.

_____. **História das crenças e das ideias religiosas. De Maomé a Idade das reformas.** v. 3. Roberto Cortes de Lacerda. São Paulo, Zahar, 2011.

ERATÓSTENES. **Mitología del firmamento (Catasterismos).** Introducción, traducción y notas de Antonio Guzmán Guerra. Madrid: Alianza, 2012.

ÉSQUILO. **Tragédias Completas.** Trad. de Iñaki Jarauta. Buenos Aires, Gradfoco, 2007.

ESTELL, Michael. *Orpheus and Rbhu revisited.* **Journal of Indo-European Studies.** Vol 27., 1999, pp. 327-333.

EURÍPIDES. **Children of Heracles. Hippolytus. Andromache. Hecuba.** Traduzido e Editado por David Kovacs. Boston, Loeb Classical Library, Harvard University Press, 1995.

_____. **The Bacchae.** Tradução para o inglês de Gilbert Murray. Londres, George Allen & Unwin, 1904.

FAUTH, Wolfgang. **Zagreus.** In: **RE IX A 2** (1967), pp. 2221-2283.

FESTUGIÈRE, André-Jean. **Études de religion grecque et hellénistique.** Paris, Vrin, 1972.

FREDE, Dorothea; REIS, Burkhard. **Body and Soul in Ancient Philosophy.** Berlin, De Gruyter, 2009.

GABRIELLI, Fabio. **L'antropologia dell'orfismo.** Firenze. Firenze Atheneum, 1993.

GAZOLLA, Rachel. **Pensar mítico e filosófico: estudos sobre a Grécia Antiga.** São Paulo, Ed. Loyola, 2011.

GAZZINELLI, Gabriela Guimarães. **Fragmentos órficos.** Belo Horizontes, Editora UFMG, 2007.

GERNET, Louis. **Anthropologie de la Grèce Antique.** Paris, Flammarion, 1968.

GERNET, Louis; BOULANGER, André. ***El genio griego en la religión***. Traducción por Serafín Agud Querol y J. M. Díaz-Regañon Lopez. México, Uteha, 1960.

GRAF, Fritz. *Initiation. A concept with a troubled history*. In: ***Initiation in Ancient Greek Rituals and Narratives*** organized by David B. Dodd and Christopher A. Faraone, Londres, Routledge, 2003, pp. 3-24.

GRAF, Fritz. *Dionysian and Orphic Eschatology: New Texts and Old Questions*. In: **Carpenter-Faraone** (eds.), 1993, pp. 239-258.

_____. *Textes orphiques et rituel bacchique. À propos des lamelles de Pélinna*. In: BORGEAUD, Philippe (ed.), ***Orphée et l'orphisme en l'honneur de Jean Rudhardt***, Genebra, Droz, 1991, pp. 87-102.

GUTHRIE, William Keith Chambers. ***Orphée et la religion grecque: étude sur la pensée orphique***. Traduit de l'anglais par S. M. Guillemin. Paris, Payot, 1956.

_____. ***Orfeo y la religión griega: estudio sobre el movimiento órfico***. Traducción de Juan Valmard. Buenos Aires, Eudeba Editorial Universitária de Buenos Aires, 1966.

_____. ***A History of Greek Philosophy: The Pre-Socratic tradition from Parmenides to Democritus***. v.2, Cambridge, Cambridge University Press, 1965.

_____. ***The Greeks and their gods***. Londres: Methuen and Co., 1950.

HARRISON, Jane Ellen. ***Prolegomena to the Study of Greek Religion***. Cambridge, Cambridge University Press, 1903.

HARTOG, François. ***Evidência da História: o que os historiadores veem***. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

HENRICHS, Albert. ***Hieroi Logoi and Hierai Bibloi: The (Un)written Margins of the Sacred in Ancient Greece***. HSCP (Harvard Studies in Classical Philology), 101, 2003, pp. 207-266.

_____. ***Loss of self, suffering, violence. The Modern View of Dionysus from Nietzsche to Girard***. HSCP 88, 1984, pp. 205-240.

HERÓDOTO. ***Histórias***. Trad. Mário da Gama Cury. 2a ed. Brasília, UnB, 1988.

HESÍODO. ***Teogonia***. Trad. e Org. Christian Werner. São Paulo, Hedra, 2014.

HEUER, Keely. ***Funerary vases in Southern Italy and Sicily***. In: *Heilbrunn Timeline of Art History*. 2010. Disponível em: www.metmuseum.org/toah/hd/fune/hd_fune.htm Acesso em: 12 jul 2019.

HINOS HOMÉRICOS. Ed. e Org. por Wilson Alves Ribeiro Júnior. São Paulo, Ed. Unesp, 2010.

HOMERO. ***Ilíada***. Tradução e Prefácio de Frederico Lourenço. São Paulo, Penguin, 2013.

HORDERN, James. ***Notes on the orphic papyrus from Gurôb***. *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*, 129, Bonn, 2000, pp. 131–140.

HOROWITZ, Wayne. ***Mesopotamian cosmic geography***. Winona Lake, Indiana, Eisenbrauns, 1998.

HORNBLOWER, Samuel; SPAWFORTH, Antony et. al. ***Oxford Classical Dictionary***. Oxford University Press, 2012.

HUFFMAN, Carl A. ***A History of Pythagoreanism***. Cambridge, Cambridge University Press, 2014.

ISLER-KERÉNYI, Cornelia. ***Dionysos in Classical Athens. An understanding through images***. Leiden/Boston, Brill, 2015.

_____. ***Dionysos in Archaic Greece. An understanding through images***. Leiden/Boston, Brill, 2007.

JANKO, Richard. ***The Derveni Papyrus: a new translation***. *Classical Philology*, 96, 2001.

_____. ***Forgetfulness in the Golden Tablets of Memory***. In: ***The Classical Quarterly***, Vol. 34, n. 1, 1984, pp. 89-100.

JÁUREGUI, Miguel Herrero. ***Orphism and Christianity in Late Antiquity***. Traduzido por Jennifer Ottman e Daniel Rodríguez. Berlim/Nova York, De Gruyter, 2010.

_____. ***Las fuentes de Clemente de Alexandria, Protr. II. 12-22: un tratado sobre los misterios y una teogonía órfica***. Alma Mater Studiorum – Univeristà degli studi di Bologna. *Revista de Lingüística y Filología Clásica Emerita (EM)*, LXXV 1, enero-junio de 2007, pp. 19-50.

_____ ; SAN CRISTÓBAL, Ana Isabel Jiménez; SANTAMARÍA, Marco Antonio et. al. ***Tracing Orpheus. Studies of orphic fragments.*** Berlim, De Gruyter, 2011.

JEANMAIRE, Henri. ***Dionysos: histoire du culte du Bacchus.*** Paris, Édition Payot, 1991.

JOHNSTON, Sara Iles; GRAF, Fritz. ***Rituals texts for the afterlife: Orpheus and the Bacchic Gold Tablets.*** Londres, Routledge, 2013.

_____. ***Ancient Greek Divination.*** New Jersey, Blackwell, 2008.

_____. ***Restless Dead: encounters between the living and the dead in ancient Greece.*** California, University California Press, 2013.

_____. ***Religions of the Ancient World: a guide.*** Belknap Press: an imprint of Harvard University Press, 2004.

JUDEN, Brian. ***Traditions orphiques et tendances mystiques dans le romantisme français (1800-1850).*** Paris, Klincksieck, Bibliothèque Française et Romane. Série C, Études Littéraires XXIX, 1971.

KAHN, Charles H. ***Pitágoras e os pitagóricos. Uma breve história.*** São Paulo, Edições Loyola, 2007.

KATZ, Dina. ***The images of the netherworld in the sumerian sources.*** Michigan University, Bethesda, CDL Press, 2003.

KERÉNYI, Karl. ***Dioniso: imagem arquetípica da vida indestrutível.*** Trad. Ordep Trindade Serra. São Paulo, Odysseus, 2002.

_____. ***The Gods of the Greeks.*** Tradução para o inglês de Norman Cameron. Harmondsworth, Middlesex: Penguin Books, 1958.

KERN, O. ***Orphicorum Fragmenta.*** Berlim, Berolini Apud Weidmannos, 1922.

_____. ***Orpheus, eine religionsgeschichtliche Untersuchung.*** Berlim, Forgotten Books, 1920, [2017].

_____. ***Dionysos.*** RE VI, Stuttgart, 1903, cols. 882 – 1046.

KIRK, G; RAVEN, S. et al. ***Os filósofos pré-socráticos.*** Trad. Carlos A. L. da Fonseca. 8ª edição. Cambridge, Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

LA FUENTE, David Hernandez. ***Vidas de Pitágoras: según Porfirio Jamblico Diógenes Diodoro y Focio de Constantinopla***. Madrid, Atalanta, 2011.

LAKS, André & MOST, Glenn W. ***Studies on the Derveni papyrus***. Oxford, Clarendon Press, 1997.

LANOUE, Guy. ***Orpheus in the Netherworld in the plateau of Western North America: the voyage of Peni***. In: ***Orfeo e l'Orfismo***. Gruppo Editoriale Intemazionale, Roma, 1993.

LES ARGONAUTIQUES orphiques. Paris, Les Belles Lettres, 1987.

LESKY, Albin. ***A tragédia grega***. Traduzido por J. Guinsburg, Geraldo Gerson de Souza e Alberto Guzik. São Paulo, Perspectiva, 1971.

LINFORTH, Ivan. ***Arts of Orpheus***. Nova York, Arno Press, 1973.

LOBECK, Charles A. L. ***Aglaophamus sive de Theologiae Mysticae Graecorum Causis Libri Tres. Regimontii*** [Königsberg] 1828. (reimpr.) Darmstadt, 1968.

LORAU, Nicole. ***Né de la terre: Mythe et politique à Athènes***. Paris, Le Seuil, 1996.

MACCHIORO, Vittorio. ***Zagreu – studi intorno all'orfismo***. Napoli, Vallecchi Editore Firenze, 1930.

_____. ***Orfismo e Paolinismo. Studi e Polemiche***. Foggia, Edizioni Bastogi, 1982.

MARINCOLA, John; MACIVER, Calum; LLEWELLYN-JONES, Lloyd. ***Greek notions of the past in the archaic and classical Eras. History without Historians***. Edinburgh, Edinburgh University Press, 2012.

MARTÍN HERNÁNDEZ, Raquel. ***El orfismo y la magia***. Madrid, Universidad Complutense de Madrid, 2006, 640 p. (Tese de Doutorado em Filologia).

_____. ***La ciencia de Orfeo. Lapidarios y escritos sobre astrología y medicina***. Madrid, Ediciones Antígona, 2015.

MARTIN, Richard P. ***The language of heroes: speech and performance in the Iliad. Myth and poetics***. Ithaca, Cornell University Press, 1989.

MCGINTY, Park. *Interpretation and Dionysos – method in the study of a god*. Haia, Mouton, 1978.

MELENA, José L. *Textos griegos micénicos comentados*. Vitoria-Gasteiz, 2001.

MERKELBACH, Reinhold. *Die goldenen Totenpässe“: ägyptisch, orphisch, bakchisch*. ZPE 128, 1999.

MIKALSON, Jon D. *Ancient Greek Religion*. West Sussex, UK, Wiley-Blackwell, 2010.

_____. *New Aspects of religion in ancient Athens. Honors, Authorities, Esthetics and Society*. Leiden/Boston, Brill, 2016.

MORAND, Anne-France. *Études sur les Hymnes orphiques*. Leiden/Boston, Brill, 2001.

MOST, G. W. *The poetics of early Greek philosophy*. In: *The Cambridge Companion to Early Greek Philosophy*. Cambridge, Cambridge University Press, 1999, pp. 332 – 362.

MOULINIER, Louis. *Orphée et l'orphisme à l'époque classique*. Paris, Les Belles Lettres, 1955.

MUSTI, Domenico. *Le Origini dei Greci: Dori e mondo egeo*. Roma-Bari, Editora Laterza, 1986.

NAGY, Gregory. *The best of the acheans: concepts of the hero in Archaic Greek Poetry*. Rev. Baltimore/London: The Johns Hopkins University Press, 1999.

_____. *Éléments orphiques chez Homère*. Kernos 14, 2001, pp. 1-9.

NESTLE, Wilhelm. *Vom Mythos zum Logos*. Die Selbstentfaltung des griechischen Denkens von Homer bis auf die Sophistik. Stuttgart, Alfred Kröner, 1942.

NIETZSCHE, Friedrich. *O Nascimento da Tragédia*. Tradução de Jacó Guinsburg. São Paulo, Martins Fontes, 2007.

NILSSON, Martin P. *Early Orphism and Kindred Movements*. Harvard Theological Review 28: 181–230. 1935.

OLMOS, Richard. *Las imágenes de un Orfeo fugitivo y ubicuo*. In: BERNABÉ, A.; CASADESÚS, F. (Coords.). **Orfeo y la tradición órfica: un reencuentro**. Madrid: Akal, 2008. p.137-177.

ORPHIC HIMNS. Trad. Introd e Notas por Apostolos N. Athanassakis e Benjamin M. Wolkow. The Johns Hopkins University Press, Baltimore, 2013.

OTTO, Walter F. **Dionysus: myth and cult**. Tradução para o inglês de Robert B. Palmer. Blommington e London. Indiana University Press, 1965.

PARKER, Robert. *Early Orphism*. In: A. Powell ed., **The Greek World**. London, 1995: pp. 483-510.

PÍNDARO. **Œuvres Complètes**. Paris, Minos, 2004.

PLATÃO. **A República**. Tradução Carlos Alberto Nunes. 3 ed. Pará: UFPA, 2000.

_____. **Leis**. Incluindo Epinomis. 2ª ed. Traduzido por Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2010.

_____. **Fédon**. Traduzido por Adelino Dias. Lisboa, Areal Editores, 2005.

_____. **Crátilo, ou sobre a correção dos nomes**. Trad. Celso de Oliveria Viera. Ed. Paulus, 2014.

_____. **Górgias, de Platão. Obras II**. Tradução e notas de Daniel R. N. Lopes. Perspectiva, São Paulo, 2011.

PLATON. **Œuvres complètes. Tome III. 1^e partie**. Trad. A. Croiset. Paris, Les Belles Lettres, 1984.

_____. **Œuvres complètes. Tome III. 2^e partie**. Trad. A. Croiset. Paris, Les Belles Lettres, 1935.

PLUTARCH. **Moralia**. The Loeb Classical Library. v. 3, Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1961.

PLUTARCO. **Obras morales y costumbres**. Biblioteca Clássica Gredos. v. 3. Madrid, Editorial Gredos, 1987.

PLUTARQUE. **Œuvres Morales**. Collection des Universités de France. Tomes II et III. Paris, Les Belles Lettres, 1985.

POLINSKAYA, Irene. ***A local history of greek polytheism. Gods, people and the land of Aigina. 800-400 BCE.*** Leiden/Boston, Brill, 2013.

PORFÍRIO. ***Vida de Pitágoras. Argonáuticas órficas. Himnos Órficos.*** Tradução e notas por Miguel Periago Lorente. Madrid, Editorial Gredos, 2002.

PRÜMM, Karl. *Die Orphik im Spiegel der Forschung. Zeitschrift für katholische theologie.* 78, 1, Berlin, 1956, pp. 1–40.

QUANDT, Wilhelm. ***Orphei Hymni.*** Berlin, Apud Weidmannos, 1955.

REINACH, Salomon. ***Cultes, Mythes et Religions.*** Paris, Leroux, 1923.

RICCIARDELLI, Gabriella. ***Los himnos órficos.*** In: ***Orfeo y el orfismo – nuevas perspectivas.*** Alicante, Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2010.

_____. ***Mito e performance nelle associazioni dionisiache.*** In: M. Tortorelli Ghidini, A. Storchi Marino, A. Visconti (eds.), ***Tra Orfeo e Pitagora.*** Atti dei seminari napoletani 1996-1998, Napoli, 2000, pp. 265- 283.

RIEDWEG, Christoph. ***Poésie orphique et rituel initiatique. Éléments d'un discours sacré dans les lamelles d'or.*** RHR 219, 2002, pp. 459-481.

ROBBINS, Emmet. ***Famous Orpheus.*** In: J. Warden (ed.), ***Orpheus. The metamorphoses of a myth.*** Toronto, University of Toronto Press, 1982, pp. 3-23.

ROBINSON, Thomas M. ***As origens da alma. Os gregos e o conceito de alma de Homero a Aristóteles.*** Organização de Gabriele Cornelli. Tradução Alaya Dullius et al. São Paulo, Annablume, 2010.

ROBERT, Carl. ***Die griechische Heldensage.*** Vol. 1, Berlin, Weidmannsche, 1920.

ROHDE, Erwin. ***Psyché: la idea del alma y la inmortalidad entre los griegos.*** México, Panamericana, 1948.

ROMILLY, Jacqueline de. ***La tragedia griega.*** Traducción de Jordi Terré. Madrid, Griedos, 2011.

SABBATTUCCI, Dario. ***Criteri per una valutazione scientifica del 'mistico-orfico' nella Magna Grecia.*** In: ***Orfismo in Magna Grecia*** (. . .), 1975, pp. 35–47.

SAN CRISTÓBAL, Ana Isabel J. ***Rituales órficos.*** Madrid, Universidad Complutense de Madrid, 2002, 753 p. (Tese de Doutorado em Filologia, Madrid, 2002).

_____. *A escatología del papiro de Bolonia. In: Estudios Papirológicos: Textos literarios y documentales del siglo IV a.C. al IV d.C.* Editado por: María Jesús Albarrán Martínez; Raquel Martín Hernández e Irene Pajón Leyra. Fundación Pastor de Estudios Clásicos, Madrid, 2017, pp. 21-53.

SCALERA MCCLINTOCK, Giuliana. *L'antica natura titânica. Variazioni sul mito greco della colpa. In: Filosofia e Teologia*, 1995, pp. 307-325.

_____. *L'antica natura titanica. Studi sull'antropogonia órfica.* Napoli, Orientexpress, 2016.

SCHWABL, Hans. *Weltschöpfung.* In: **RE Suppl.** IX, 1962, pp. 1433-1582.

SEAFORD, Richard. *In the mirror of Dionysos. In: The Sacred and The Feminine in Ancient Greece.* Edited by Sue Blundell & Margaret Williamson. Londres, Routledge, 1998, pp. 128-146.

_____. *Dionysos: gods and heroes of the ancient world.* London/New York, Routledge, 2006.

SEGAL, Charles. *Orpheus, the myth of the poet.* Baltimore: Johns Hopkins University, 1989.

SINESIO DI CIRENE. *Sul Regno.* Trad. Antonio Garzya. Napoli: Libreria Scientifica Editrice, 1973.

SNELL, Bruno. *Tragicorum Graecorum Fragmenta*, Gottingen, v.1: Snell, B.Kannicht, R., 1986; v. 3: Radt, S., 1986; v. 4, Radt, S., 1977; vols. 5.1-5.2: Kannicht, R., 2004.

_____. *Pindarus.* Pars Prior Epinicia. Leipzig, Teubner, 1964.

SOKOLOWSKI, Franciszek. *Lois sacrées de l'Asie Mineure. L'Antiquité Classique.* Paris, 1956, 25-2, pp. 517-518

TARZIA, Milena. *Sobre Camus, Tragédia e outros escritos.* Saarbrücken, Alemanha, NEA, 2014.

TARZIA, Milena. *Do absurdo à revolta: expressões do trágico no pensamento camusiano.* Dissertação de Mestrado em Filosofia – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 103 fls., São Paulo, 2012.

_____. *Drame et mystère dans les pratiques orphiques*. **Revista Roda da Fortuna, Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo** (ISSN: 2014-7430), n.1, v.7, 2018/1, setembro de 2018, pp. 49-63. Disponível em: <https://www.revistarodadafortuna.com/2018-1>. Acesso em 07 set 2019.

TAYLOR, Thomas. *The Hymns of Orpheus*. Los Angeles, The Philosophical Research Society, 1981.

_____. *A dissertation on the Eleusinian and Bacchic mysteries*. Amsterdam, J. Weitstein, 1790. Disponível em: http://www.universaltheosophy.com/pdf-library/1790_A-Dissertation-on-the-Eleusinian-and-Bacchic-Mysteries.pdf Acesso em: 03 mar 2018.

THE MYTHS OF HYGINUS. Trad.e Ed. por Mary Amelia Grant. University of Kansas Publications in Humanistic Studies, nº 34. University of Kansas Press, Lawrence, 1960.

THEODOSSIEV, Nikola. *Cult Clay Figurines in Ancient Thrace Archaeological Evidence for the Existence of Thracian Orphism*. Liège, **Kernos**, n.9, 1996, pp. 219-226.

TORJUSSEN, Stian Sundell. *Metamorphoses of Myth. A study of the "orphyic" gold tablets and the Derveni papyrus*. Tromsø, University of Tromsø, 2008.

TORTORELLI GHIDINI, Marisa; Storchi Marino, A; Visconti, A. (eds.), *Tra Orfeo e Pitagora*. Atti dei seminari napoletani 1996-1998, Napoli, 2000, pp. 265- 283.

_____. *Dionysos versus Orpheus?* In: **Redefining Dionysos**. Berlim, De Gruyter, 2013.

VAN DEN HOEK, Annewies; HERRMANN JR, John J. *Pottery, Pavementes and Paradise. Iconographic and textual studies in Late Antiquity*. Leiden/Boston, Brill, 2013.

VERNANT, Jean-Pierre. **As origens do pensamento grego**. Traduzido por Ísis Borges B. da Fonseca. Difel, 1984.

_____. **Mito e religião na Grécia antiga**. Traduzido por Joana Angélica D'ávila Melo. São Paulo, Martins Fontes, 2012.

VERNANT, Jean-Pierre; VIDAL-NAQUET, Pierre. **Mito e tragédia na Grécia antiga**. Tradução de Anna Lia de Almeida Prado, Filomena Yoshie Hirata e Maria da Conceição Cavalcante. São Paulo, Perspectiva, 2008.

VERSNEL, Hendrick Simon. ***Inconsistencies in Greek and Roman religion. Vol I. Ter Unus. Isis, Dionysos, Hermes. Three studies in henotheism.*** Leiden, Brill, 1990.

_____. ***Coping with the gods. Wayward readings in greek theology.*** Leiden/Boston, Brill, 2011.

_____. ***Faith, hope and worship - aspects of religious mentality in the ancient world.*** Leiden/Boston, Brill, 1981.

VINOGRADOV, Juri G. *Zur Sachlichen und geschichtlichen der Orphiker – Plättchen Von Olbia.* In: BORGEAUD, Philippe. ***Orphée et l'orphisme en l'honneur de Jean Rudhardt***, Genebra, Droz, 1991, pp. 65-76.

WEST, Martin L. ***The Orphic Poems.*** Oxford, Clarendon Press, 1983.

_____. *The Orphics of Olbia.* ZPE 45, 1982, pp.17-29. In: PAJARES BERNABÉ, Alberto. ***Tendencias recientes en el estudio del Orfismo.*** 'Ilū, 0, 1995, pp. 2-3.

_____. ***Hesiod: Works and Days.*** Ed. with Prolegomena and Commentary. Oxford, Clarendon Press, 1978.

WILAMOWITZ-MÖLLENDORFF, Ulrich Von. ***Der Glaube der Hellenen.*** 2 Vols. Berlim: Weidmannsche Buchhandlung, 1931. Disponível em: http://rcin.org.pl/iae/Content/8314/WA308_14755_II16636-T1_GLAUBE-DER-HELLENE_I.pdf Acesso em 08 julho 2016.

ZELLER, E. ***Die Philosophie der Griechen in ihrer geschichtlichen entwicklung.*** v.1, Leipzig, 1869.

ZUNTZ, G. ***Persephone: three essays on religion and thought in Magna Graecia.*** Oxford, Oxford University Press, 1971.

Endereços eletrônicos de Museus que disponibilizam as imagens de seus acervos (ou parte delas)

ARCHEOLOGICAL MUSEUM OF TESSALONIKI. Parte do acervo disponível em: <https://www.amth.gr/en>.

BRITISH MUSEUM. Parte do acervo disponível em: <https://www.britishmuseum.org/>

LOS ANGELES COUNTY MUSEUM OF ART (LACMA): Parte do acervo disponível em: <https://collections.lacma.org/node/230128>

MUSEI VATICANI. Acervo disponível em:
<http://www.museivaticani.va/content/museivaticani/en.html>

MUSEO ARCHEOLOGICO NAZIONALE DI LOCRI EPIZEFIRI. Informações disponíveis em: <https://www.abcd-online.it/museo-archeologico-nazionale-di-locri-epizefiri-locri-rc-calabria/>

MUSEO ARCHEOLOGICO NAZIONALE DI NAPOLI: Parte do acervo disponível em:
<https://www.museoarcheologiconapoli.it/it/>

MUSEO ARCHEOLOGICO NAZIONALE DI TARANTO (MARTA). Parte do acervo disponível em: <https://www.facebook.com/MuseoMARTA/>

MUSEO ARCHEOLOGICO REGIONALE EOLIANO “LUIGI BERNABÒ-BREA”, LIPARI: Informações disponíveis em: www.engramma.it.

MUSEO DE ARTE DE TOLEDO. Acervo disponível em:
<https://www.toledomuseum.org>

MUSEO DEL PRADO. Parte do acervo disponível em:
<https://www.museodelprado.es/>

MUSEUM OF FINE ARTS OF BOSTON. Parte do acervo disponível em:
<https://www.mfa.org/>

THE METROPOLITAN MUSEUM OF ART. Acervo disponível em:
<https://www.metmuseum.org/>

ANEXO A – IMAGENS DE ORFEU



Fig. 1. Personaje con cítara sobre una roca y gran ave. Pared oriental del Salón del Trono del Palacio de Pilo. Acuarela de Piet de Jong, 1956.

Imagens extraídas da obra “ORFEO
Y LA TRADICIÓN ÓRFICA: un reencuentro.” (BERNABÉ, 2008)



Fig. 5. Orfeo argonauta en el Tesoro de los Sicionios de Delfos. Museo de Delfos. Según Gropengiesser, 1977.

Fig 2. Orfeu Argonauta, preservada pelo Museu de Delfos.



Fig. 2. Personaje con lira surgiendo de la tierra y aves. Píxide de una tumba de La Canía (Creta) del minoico tardío III B. Dibujo de Sara Olmos.

Fig 3. Píxide de uma tumba de Chania, Creta.

Imagens extraídas da obra "ORFEO
Y LATRADICIÓN ÓRFICA: un reencuentro." (BERNABÉ, 2008)

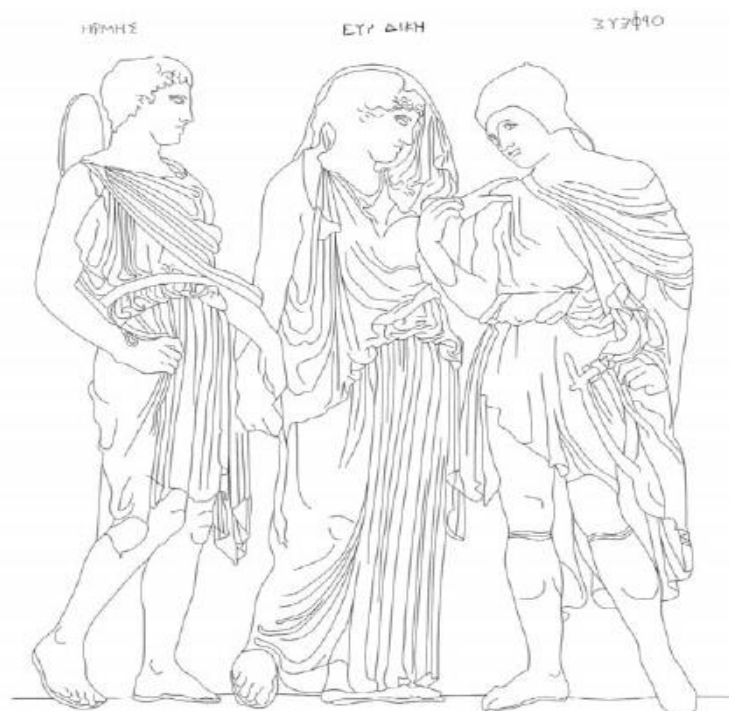


Fig. 21. Hermes, Eurídice y Orfeo. Relieve del Museo Nacional de Nápoles. Cópia romana de un original ático. Dibujo de Sara Olmos.

Fig 4. Desenho de um relevo em mármore que apresenta Hermes, Eurídice e Orfeu, preservado pelo Museu Nacional de Napoles.



Fig. 5 - Relevo em mármore que apresenta Hermes, Eurídice e Orfeu, preservado pelo Museu Arqueológico Nacional de Nápoles. Cópia romana de um original ático. Disponível em: <https://www.museoarcheologiconapoli.it/it/> Acesso em 06 abril 2018



Fig. 6 – Vaso com pinturas vermelhas (*Stamnos*) – “A morte de Orfeu, atacado pelas Ménades”. Data do século V – ano de 470 AEC, período clássico. Museu do Louvre, Paris. Imagem de domínio público facilmente encontrada na internet.



Fig. 7 – Espelho de bronze, de Chiusi, Museu Arqueológico de Siena, ex-Raccolta Bonci Casuccini, inv. 176 (de Maggiani 1992).

Imagens extraídas da obra “*Orphée et la religion grecque.*” (GUTHRIE, 1956)

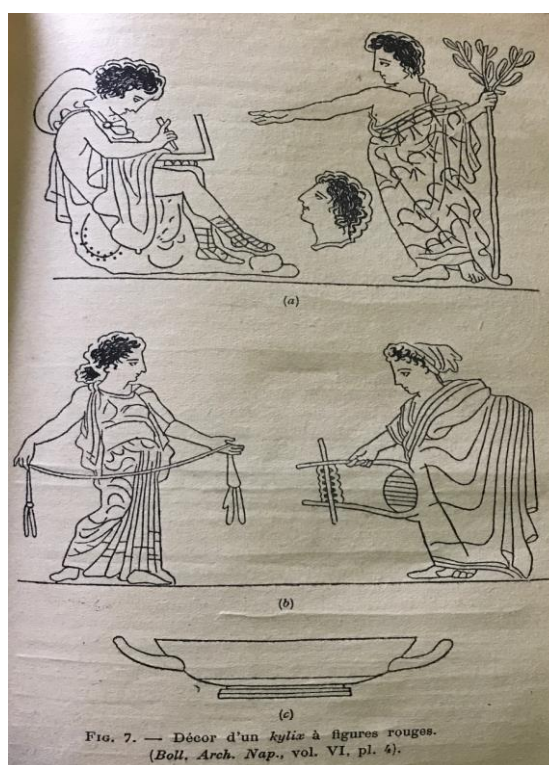


Fig. 8 – *Kylix* com pinturas vermelhas.



Fig. 9 – O Hades retratado na Cratera de alças volutas de Altamura – Lado A. Pinturas vermelhas em mais de um metro e 50 cm de vaso, datado do IV século AEC, oriundo de Taranto, Itália. Preservada, hoje, pelo Museu Arqueológico Nacional de Napoli. Imagem de coleção particular. Orfeu aparece com sua lira e seu gorro trácio-frígio. Disponível em: <https://www.museoarcheologiconapoli.it/it/> Acesso em 02 mar 2019.



Fig. 10 – Cratera de alça voluta de Altamura – Lado B – Museu Arqueológico Nacional de Napoli.
Disponível em: <https://www.museoarcheologiconapoli.it/> Acesso em 02 mar 2019.

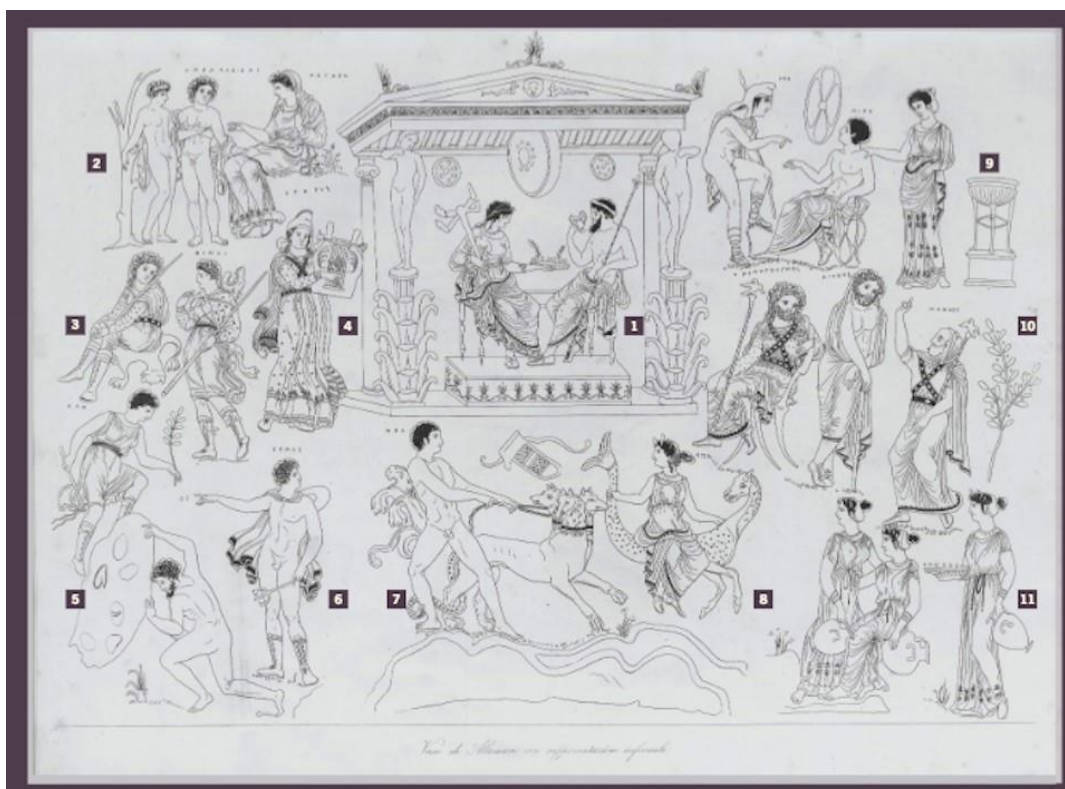


Fig. 11 – Esquema do cenário mitológico disposto na Cratera de Altamura. Lado A: - 1: Perséfone e Hades, 2: Os filhos de Hércules e Mégara, 3: As fúrias, 4: Orfeu, 5: Sísifo, 6: Hermes, 7: Hércules e Cérbere, 8: Garota cavalcando no hipocampo, 9: Teseu, Pírito e Díké, 10: Triptolemo, Éaco e Radamanto, 11: Danaides — Museu Arqueológico Nacional de Napoli



Fig. 12 - 1: Perséfone e Hades (Detalhe).



Fig. 13 - 4: Orfeu (Detalhe).

ANEXO B – AS LÂMINAS DE OURO ²⁵⁵ E AS PLACAS DE OSSO

Grupo 1: Hiponion, Entela, Petelia e Fársalo

Lâmina de Hiponion – OF 474

Transcrição:

*“μναμοσυνας τοδε εριον επει αμ μελλεισι θανεσθαι
εις αιδαο δομος ευερεας εστ επι δ(ε)ξια κρενα τυξ
παρ δ αυταν εστακυα λευκα κυπαρισσος
ενθα κατερχομεναι ψυκαι νεκυον ψυχονται αρ
ταυτας ταρ κρανας μεδε σχεδον ενγυθεν ελθεις
προσθεν δε ηευρεσεις τας μναμοσυνας απο λιμνας
ψυχρον υδωρ προρεον φυλακες δε επυπερθεν εασι
τοι δε σε ειρεσονται εν φρασι πτευκαλιμιασι
οτι δε εξερεεις αιδος σκοτος οροεεντος
ειπον γεσ παι εμι και ορανο αστεροεντος
διψαι δ εμ αυος και απολλυμαι αλα δοτ οκ[α]
ψυχρον υδωρ πνασιεναι τες μνεμοσυνες απο λιμνες
και δε τοι ερεοσιν ιυποχθονιοι βασιλει
και δε τοι δοσοσι πιεν τας μναμοσυνας απο λιμνας
και δε τοι συ πιον ηοδον ερχεα ηαν τε και αλλοι
μυσται και βαχχοι ηιεραν στειχοσι κλεινοι”*
(GRAF & JOHNSTON, 2007, p. 4)

Tradução

Este (dito) da Memória (é) sagrado: quando, por ventura, você for morrer, vá para as casas bem ajustadas do Hades: há, à direita, uma fonte, junto desta está um cipreste branco. Ali as almas dos mortos descem e se refrescam. (D) essa fonte, não vá muito perto. Em seguida, você encontrará água fria (es) correndo a partir do lago da Memória: os guardiães que lá estão, estes lhe perguntarão, em frases secas, o que procuras nas trevas do Hades sombrio. Diga: “ (sou) filha da Terra e do Céu estrelado e estou seca de sede e pereço. Concedam-me rapidamente água fria que escorre do lago da Memória para beber. ” Então, lhe interrogarão da parte da Rainha dos infernos e lhe darão de beber do lago da Memória E você, tendo bebido, irá pelo caminho sagrado pelo qual os outros iniciados (*mystai*) e báquicos (*bákkhoi*) seguem, renomados (GAZZINELLI, 2007, p. 73)

²⁵⁵ Por razões de tempo e espaço, algumas lâminas breves que também compõem a conjuntura órfica deixaram de ser apresentadas. No mesmo sentido, algumas imagens ou figuras de lâminas não estão presentes neste anexo.



Fig. 14 – Lâmina de Hipônio – V Século AEC. Descoberta em 1965, preservada pelo Museu Arqueológico Estatal de Vibo, em Vibo Valentia, Calábria, Itália.



Fig. 15 - Lâmina de Hipônio – V Século AEC - Museu Arqueológico Estatal de Vibo, Itália. Imagem de domínio público, facilmente encontrada pelas páginas de busca na internet.

- Entela – OF 475

Lâmina do IV Século AEC, encontrada na Sicília. Ela está partida e lhe falta quase a metade, mas é possível reconstruir, em parte, com a ajuda das outras três lâminas do mesmo grupo (Bernabé, 2012, p. 316). Preservada por uma coleção privada, de Genebra.

Transcrição

ἐπεὶ ἄμ μέλλῃσι θανεῖσθαι
 μ]εμνήμε<ν>ος ἥρω<ς>
]σκότος ἀμφικαλύψαι
 Εὐρήσεις Αἶδαο δόμοις, ἐπὶ]δεξιὰ λίμνην
 πᾶρ δ' αὐτῆι λευκὴν ἐστη]κῦαν κυπάρισσον
 ἐνθα κατερχόμεναι ψυ]χαὶ νεκῶν ψύχονται
 ταῦτης τῆς κρήνης μη]δὲ σχεδὸν ἐ<μ>πέλασ<α>σθαι
 πρόσθεν δὲ εὐρήσεις τῆς] Μνημοσύνης ἀπὸ λίμνης
 ψυχρὸν ὕδωρ προρέον'] φύλακοι θ' ὑποπέθασιν
 οἳ δὲ σε εἰρήσονται ἐν] φρασί πευκαλίμησιν
 ὅτι δὲ ἐξερέεις Αἶδος σκότο]ς ὄρφ[ο]νήεντο<ς>
 εἶπον· Γῆς παῖς εἰμὶ καὶ] Οὐρανοῦ ἀστερόεντος
 δίψαι δ' εἰμὶ αὔος καὶ ἀπόλλ]υμαι ἀλλὰ δότε μοι
 ψυχρὸν ὕδωρ πῖναι τῆς] Μνημοσύνης ἀπὸ λίμνης

αὐτὰρ ἐ[μοὶ γένος οὐράνιον· τόδε δ' ἴστε καὶ αὐτοί.
 καὶ τοὶ δῆ[ἐρέουσιν ὑποχθονίω βασιλῆι
 καὶ τοτὲ τ]οὶ δῶσωσιν τῆς Μνημοσύνης ἀπὸ λίμνης
 καὶ τοτὲ δ[ῆ
 σύμβολα φ[
 καὶ φε[
 σεν[
 (EDMONDS, 2011, pp. 32-33)

Tradução

“Coluna 1 - (...) quando estiveres] em transe para morrer [que escrevas isto em ouro, o] herói que recorda antes que o terror o domine,] coberto pelo véu nevoento.
 à] direita uma laguna
 e perto dela, ereto, um branco] cipreste.
 Ali, ao baixar, as al]mas dos mortos se refrescam.
 A esta fonte não te] acerques nem um pouco!
] da lagoa de Mnemosyne
 Água que flui fresca.] E em sua margem há guardiões.
 Eles te perguntarão,] com sagaz discernimento, por que investigas as trevas do Hades] sombrio.
 sou] e de Céu estrelado e mo[rrro, assim, dá-me
 de beber água fresca] da lagoa de Mnemosyne

Coluna 2 – (...) porém minha es[tirpe é celeste, também o sabes
 E de certo que [consultarão a rainha subterrânea,
 E te darão [de beber do lago de Mnemosyne.
 E então [

Andricepedotirso. Andricepedotirso. Brimó. Brimó. Penetra na sacra campina, pois o iniciado está livre de castigo. ²⁵⁶

E [...]

(BERNABÉ, 2012, p. 316)

- Petelia – OF 476

Lâmina descoberta em 1834, em Petelia, Calábria, próximo a Crotona.

Transcrição

*Εὐρήσ{σ}εις δ' Αἶδαο δόμων ἐπ' ἀριστερὰ κρήνην,
 πὰρ δ' αὐτῆι λευκὴν ἐστηκυῖαν κυπάρισσον·
 ταύτης τῆς κρήνης μηδὲ σχεδὸν ἐμπελάσειας.
 εὐρήσεις δ' ἑτέραν, τῆς Μνημοσύνης ἀπὸ λίμνης
 ψυχρὸν ὕδωρ προρέον· φύλακες δ' ἐπίπροσθεν ἕασιν.
 εἰπεῖν· Ἰῆς παῖς εἰμι καὶ Οὐρανοῦ ἀστερόεντος,
 αὐτὰρ ἐμοὶ γένος οὐράνιον· τόδε δ' ἴστε καὶ αὐτοί.
 δίψῃ δ' εἰμὶ αὔῃ καὶ ἀπόλλυμαι. ἀλλὰ δότ' αἶψα
 ψυχρὸν ὕδωρ προρέον τῆς Μνημοσύνης ἀπὸ λίμνης·
 καὶ τὸτ' ἔπειτα [τέλη σὺ μεθ'] ἠρώεσσιν ἀνάξει[ς].
 [Μνημοσύ]νης τόδε [τεριοντ' ἐπει ἂν μέλλησι] θανεῖσθ[αι
] τόδε γραψ[
 in right margin τογλωσειπα σκότος ἀμφικαλύψας.
 (EDMONDS, 2011, p. 22)*

Tradução

“Encontrarás, à esquerda da mansão de Hades, uma fonte, e junto dela um branco cipreste ereto. A esta fonte não te aproximes! Encontrarás do outro lado uma lagoa de Mnemosyne, de onde flui água fresca. E muito perto há uns guardiões. Dize: “Sou filho da Terra e do Céu estrelado, mas minha estirpe é celeste. Também o sabes. De sede estou seca e morro. Dá-me, pois, logo, de beber da sagrada fonte] água que flui fresca da Lagoa de Mnemosyne.” E eles te darão de beber da fonte sagrada e em seguida reinarás com os demais heróis. Isso é ob[ra de Mnemosy]ne [quando estiveres em trânsito] para morrer [...] que escrevas isto [em ouro, o herói que recorda, antes que [o terror o domine, coberto pelo véu nevoento. ”
 (BERNABÉ, 2012, pp. 317-318)

²⁵⁶ Esta senha é idêntica ao Fragmento órfico 493 (OF), uma das lâminas de Pherai ou Feras, na Tessália, datada do IV século AEC. As senhas têm clara conexão com o horizonte órfico. Anricepedo pode ser uma junção de aner e pais, homem e criança, numa alusão às imagens de Dioniso; o tirso obviamente diz respeito ao seu séquito. É possível também que desta senha tenha se originado o epíteto tardio Eripiceu, que aparece na Teogonia das Rapsódias como Fanes. Brimó, como se sabe, é um dos epítetos de Perséfone. Bernabé sugere que a senha era pronunciada pela alma à Perséfone, o que daria acesso aos prados sagrados da deusa (2012, pp. 338-339)



Fig. 16 - Lâmina de Petelia. IV Século AEC. Imagem extraída da página oficial do British Museum: https://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details/collection_image_gallery.aspx?partid=1&assetid=256193001&objectid=464173
Museum number: 1843,0724.3



Fig. 17 - Lâmina de Petelia. IV Século AEC. Imagem extraída de: http://astro-cosmogonie.com/01_LAM/Pge_lam_Petelia.htm Acesso em 04 ago 2019

- Fársalo – OF 477

Encontrada em um túmulo da região da Tessália, dentro de um vaso de bronze de feitura ática em que se representa o rapto de Oritia por Bóreas. O vaso data do IV Século AEC, e continha cinzas e ossos. Está preservado pelo Museu Nacional de Atenas:

ANGELO BOTTINI, Tra metallo e ceramica



16. FARSALE. HYDRIA IN BRONZO (da BARR-SHARRAR 2008, fig. 166)



16.A FARSALE. HYDRIA IN BRONZO, DETTAGLIO

Non si tratta peraltro di caratteri del tutto isolati; la totale mancanza di riscontri nel campo delle situle è infatti compensata dalla possibilità di istituire un confronto con un'altra importante classe di manufatti metallici di larga diffusione quali le *hydriai*; in particolare, fra gli esemplari ornati da un rilievo applicato sottostante l'attacco inferiore dell'ansa verticale, quelli - databili nel loro insieme al IV sec. a. C. - che hanno per oggetto un evento mitologico di larga e ben spiegabile fortuna in tale contesto: il rapto verso la Tracia di Orizia, (una Nereide nella versione riportata nell'Iliade,⁵⁵ figlia del re Eretteo in quella attica), «da parte del dio che si rivela nel vento del nord»,⁵⁶ Boreas, «facendo tutto sereno, rendendo d'aspetto fiorente l'etere», come recita il verso 5 dell'inno orfico a lui dedicato.⁵⁷

Fig. 18 – Hydria em Bronze, de Fársalo (Cf. Bottini, 2011, p. 12)

Transcrição

Εύρήσεις Αἶδαο δόμοις ἐνδέξια κρήνην,
 πὰρ δ' αὐτῆι λευκὴν ἔστηκυῖαν κυτάρισσον·
 ταύτης τῆς κρήνης μηδὲ σχεδόνθεν πελάσηισθα·
 πρόσσω δ' εὐρήσεις τὸ Μνημοσύνης ἀπὸ λίμνης
 ψυχρὸν ὕδωρ προκρέον· φύλακες δ' ἐπύπερθεν ἔασιν·
 οἱ δὲ σκεῖ εἰρήσονται ὃ τι χρέος εἰσαφικάνεις·
 τοῖς δὲ σὺ εὖ μάλα πᾶσαν ἀληθείην καταλέξαι·
 εἰπεῖν· Γῆς παῖς εἰμι καὶ Οὐρανοῦ ἀστειρόεντος·
 Ἀστέριος ὄνομα· δίψῃ δ' εἰμ' αὔρος· ἀλλὰ δότε μοι πῖν' ἀπὸ τῆς
 κρήνης·
 (EDMONDS, 2011, p. 24)

Tradução

*“Encontrarás na mansão de Hades, à direita, uma fonte,
e junto dela um branco cipreste ereto. Dessa fonte não te aproximes!
Mais adiante encontrarás, da lagoa de Mnemosybe, água que flui fresca.
Em sua margem há guardiões
Que te perguntarão que necessidade te traz até eles.
E tu dirás a eles absolutamente toda a verdade:
- Sou filho da Terra e do Céu estrelado. Meu nome é Astério.
De sede estou seco. Dá-me, pois, de beber da fonte. “*
(BERNABÉ, 2012, p. 318)

Demais Grupos

- Pelina (Tessália). São duas as lâminas de Pelina – OF 485 (I) – 486 (II)

Transcrição

*“νῦν ἔθανες καὶ νῦν ἐγένου, τρισόλβιε, ἄματι τῷιδε.
εἶπεῖν Φερσεφόνοι σ’ ὅτι Βράκχιος αὐτὸς ἔλυσε.
ταξίλυρος εἰς γάλα ἔθορες.
αἶψα εἰς γάλα ἔθορες.
κριὸς εἰς γάλα ἔπεσες.
οἶνον ἔχεις εὐδαίμονα τιμῆν
καὶ σὺ μὲν εἶς ὑπὸ γῆν τελέσας ἄπερ ὄλβιοι ἄλλοι.”*
(EDMONDS, 2011, p. 36)

Tradução (Lâmina I) ²⁵⁷

Acabas de morrer e acabas de nascer, três vezes venturoso neste dia.
Dize a Perséfone que o próprio Baco te libertou.
Touro, te precipitaste no leite.
Cabrito, te precipitaste no leite.
Carneiro, caíste no leite.
Tens vinho, ditoso privilégio
E tu irás abaixo da terra, cumpridos os mesmos ritos que os demais felizes.
(BERNABÉ, 2012, p. 328)

²⁵⁷ Optou-se por apresentar apenas a transcrição e tradução da lâmina I, mais extensa. O conteúdo da lâmina II é praticamente idêntico ao da lâmina I.

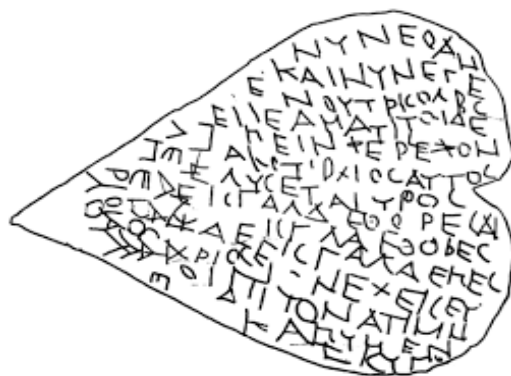


Fig. 19 – Lâmina de Pelina – IV Século AEC - Imagem retirada da obra *Instructions for the Netherworld. The orphic gold tablets*, de Alberto Bernabé Pajares e Ana Isabel Jiménez San Cristóbal. Leiden, Brill, 2008, p. 326.



Fig. 20 - Lâmina de Pelina – IV Século AEC.



Fig. 21 - Lâmina de Pelina – IV Século AEC
 Imagens extraídas de: http://astro-cosmogonie.com/01_LAM/Pge_lam_Eleutherna.htm.
 Acesso em 04 ago 2019.

- Creta – OF 484^a

II Século AEC

Transcrição

“Δίψαι {τοι} <α>ῦος παραπρόλλυται· ἀλλὰ π{α}γέν μοι
κράνας <Σ>αύρου ἐπ’ {α} ἀρικσ>τερά τᾶς κυφα{σ}ρίσσω.
τίς ὄ’ εἶ ἢ πῶ ὄ’ εἶ; Γᾶς ἡμ{ο}ῖ μάτηρ {πρωτιαετ} <κ>αὶ <Ο>ύρανῶ
<ἀ>στε<ρόεντος>
{πισδιψαιοιατοπιυτοοπασρατανηο}”
(EDMONDS, 2011, p. 34)

Tradução

Ele está seco de sede e perece. Mas dá-me para beber da fonte de Sauros à esquerda do cipreste. ” “Quem é Você? De onde vem? ” - Sou filho da Terra e do Céu estrelado. (Tradução livre)

- Eleuterna e Milopótamo – OF 478/483

Lâminas do Século III AEC

As seis lâminas de Eleuterna estão no Museu Nacional de Atenas:



Fig. 22 – Uma das lâminas de Eleuterna. Imagem extraída de: http://astro-cosmogonie.com/01_LAM/Pge_lam_Eleutherna.htm. Acesso em 04 ago 2019.

Sobre a região de Milopótamo (entre Eleuterna e Axo), sua localização exata não é conhecida. A lâmina de Milopótamo está preservada pelo Museu Arqueológico de Iraklion, em Creta:



Fig. 23 – Lâmina de Milopótamo. Imagem extraída de: http://astro-cosmogonie.com/01_LAM/Pge_lam_Mylopotamos.htm. Acesso em 04 ago 2019.

Transcrição

OF 478

*Δίψαι αὔρος ἐγὼ καὶ ἀπόλλυμαι· ἀλλὰ πιέν μοι
κράνας αἰείρῳ ἐπὶ δεξιᾷ, τῆκι κυφάρισσος.
τίς δ' ἔσσι; πῶ δ' ἔσσι; Γᾶς υἱός ἡμι καὶ Ὠρανῶ ἀστερόεντος.
(EDMONS, 2011, p. 38)*

OF 483

*Δίψακι {α} αὔρος ἐγὼ καὶ ἀπόλλυμαι· ἀλλὰ πιέν μοκι
κράνας αἰένῳ ἐπὶ δεξιᾷ, τῆκι κυφάρισσος.
τίς δ' ἔσσι; πῶ δ' ἔσσι; Γᾶς υἱός ἡμι καὶ Ὠρανῶ ἀστερόεντος {σ}.
(EDMONDS, 2011, p. 38)*

Tradução ²⁵⁸

“De sede estou seco e morro, dá-me, pois, de beber da fonte de eterno fluir, à direita, onde (está) o cipreste.” “Quem foste? De onde eras? – Sou filho da Terra e do Céu estrelado.” (Tradução livre)

²⁵⁸ Quase todas as lâminas de Eleuterna têm a mesma inscrição, por isso nem todas foram reproduzidas aqui. Apenas a lâmina VI difere das demais. Nela lê-se: “*com Plutão e Perséfone alegre-se*” (Gazzinelli, 2007, p. 81).

- Lâminas de Thurií (I, II, III, IV e V)

Transcrição e tradução

Thurií I e II – OF 489-490

*Ἔρχομαι ἐκ καθαρῶν καθαρά, χθονίων βασιλεία,
Εὐκλεῖα καὶ Εὐβουλεῦ καὶ θεοὶ καὶ ἄλλοι
καὶ γὰρ ἐγῶν ὑμῶν γένος εὐχομαι ὄλβιον εἶναι ἄλλοι
ποιανὰ δ' ἀνταπέτευσ' ἔργων ἕνεκ' οὕτι δικαίων.
εἴτε με Μοῖρα ἐδάμασσε εἴτε ἀστεροπῆτα {κη} κεραυνῶν.
νῦν δὲ ἰκέτις ἦκω {ικω} παρκαὶ ἀγνήν Φερσεφόνειαν,
ὥς {λ} με πρὸ φερων πέ[μ]ψῃ {μ} ἔδρας ἐς εὐαγέων.
(EDMONDS, 2011, p. 19)*

“Venho pura dentro os puros, ó Rainha dos infernos, Eucles, Eubuleu, deuses e demais divindades. Assim, pois, eu suplico pertencer à vossa estirpe bem-aventurada, e paguei o castigo que corresponde a ações ímpias. Sobreveio-me a moira ou o que faz relampejar raios. Agora venho como suplicante junto à casta de Perséfone, para que, benigna, me envie à morada dos puros.” (Tradução livre)

Thurií III – OF 488

*Ἔρχομαι ἐκ καθαρῶν καθαρά, χθονίων βασιλεία,
Εὐκλήης Εὐβουλεύς τε καὶ ἀθάνατοι θεοὶ ἄλλοι
καὶ γὰρ ἐγῶν ὑμῶν γένος ὄλβιον εὐχομαι εἶμεν.
ἀλλὰ με Μοῖρα ἐδάμασσε καὶ ἀθάνατοι θεοὶ ἄλλοι
καὶ ἀστροβλήτα κεραυνῶν.
κύκλου δ' ἐξέπταν βαρυπενθέος ἀργαλέοιο,
ἡμεροῦ δ' ἐπέβαν στεφάνου ποσὶ καρπαλίμοισι,
δεσποίνης δ' ἐπὶ κόλπον ἔδυν χθονίας βασιλείας
{ἡμεροδαπεβανστεμανοποσικαρπασιμοισι}
ὄλβιε καὶ μακαριστέ, θεὸς δ' ἔσσι ἀντὶ βροτοῖο.
ἔριφος ἐς γὰρ ἔπετον. (EDMONDS, 2011, p. 16)*

“Venho pura dentre os puros, ó Rainha dos Infernos, Eucles, Eubuleu e demais deuses imortais. Assim, pois, eu suplico pertencer à vossa estirpe bem-aventurada; porém, a moira me sobreveio, e o que traspasa os astros com o raio. Voei para longe do ciclo de doloroso e pesado tormento. Subi na desejada coroa com pés velozes e afundei sob seio da senhora, Rainha ctônica. Desci da desejada coroa com pés velozes. Afortunado e bem-aventurado, deus serás, de mortal que eras. Cabrito, caí no leite.”



Fig. 24 – Lâmina de Thurii III (2004, OF 488), descoberta em 1876, em Thurii, atual Sybaris, Calábria, Itália. Imagem extraída da página oficial do Museu:
<https://www.museoarcheologiconapoli.it/en/collections/collection-of-epigraphs/>
 Acesso em 04 ago 2019

Thurii IV – OF 487

*Ἄλλ' ὅπταν ψυχὴ προλίπη φάος ἀελίοιο,
 δεξιὸν ἴΕ.ΘΙΑΣΤ' ὄ' ἐξικένοι πεφυλαγμένον εὖ μάλα πάντα·
 χαῖρε παθῶν τὸ πάθημα τὸ δ' οὔπω πρόσθ' ἕξ' ἐπεπόνθεις·
 θεὸς ἐγένου ἐξ ἀνθρώπου· ἔριφος ἐς γάλα ἔπετες.
 χαῖρε· χαῖρε· δεξιὰν ὄδοιπόρει·
 λειμῶνάς θ' ἕξ' ἱεροῦς καὶ ἄλσεα Φερσεφονείας.
 (EDMONDS, 2011, p. 20)*

“Mas quando a alma deixa atrás a luz do sol, há de ir ao tiaso da direita, tendo-o muito bem presente. Salve, após teres tido uma experiência que nunca tiveste. Deus nasceu, de homem que eras. Cabrito, caiu no leite. Salve, salve, ao tomar o caminho da direita, até os sagrados prados e bosques de Perséfone.” (Tradução livre)

Thurii V - OF 492

Πρωτογόνω<ι> ΤΗΜΑΙΤΙΕΤΗ Γ'αι ματρί ΕΠΑ Κυβελεία<ι> Κόρρα<ι> ΟΣΕΝΤΑΙΗ
 Δήμητρος ΗΤ
 ΤΑΤΑΙΤΤΑΤΑΠΤΑ Ζεῦ ΙΑΤΗΤΥ άέρ ΣΑΠΤΑ "Ηλιε, πῦρ δὴ
 πάνταΣΤΗΙΝΤΑΣΤΗΝΙΣΑΤΟΠΕ νικᾷι Μ
 ΣΗΔΕ Τύχα ΙΤΕ Φάνης, πάμνηστοι Μοῖραι ΣΣΤΗΤΟΙΓΑΝΝΥΑΠΙΑΝΤΗ σύ
 κλυτὲ δαΐμον ΔΕΥΧΙ
 Σ πάτερ ΑΤΙΚ παντοδαμάστα ΠΑΝΤΗΡΝΥΝΤΑΙΣΕΛΑΒΔΟΝΤΑΔΕΠ
 άνταμοιβή ΣΤΛΗΤΕΑΣΤΛ
 ΤΗΜΗ άέρ ι πῦρ ΜΕΜ Μᾶτερ ΛΥΕΣΤΙΣΟΙΛ-ΕΝΤΑΤΟ Νήστι Ν νύξ ΙΝΗΜΕΦ
 ήμέραΜΕΡΑΝΕΓΛΧΥΕΣ
 έπτήμαρ Τιν ήσσιας ΤΑΝ Ζεῦ ένορύτιε(?) και πανόπτα. αίέν ΑΙΜΙΥ*μάτερ,
 έμᾶς έπ-
 άκουσον ΕΟ εύχᾶς ΤΑΚΤΑΠΥΑΡΣΥΟΛΚΑΠΕΔΙΩΧΑΜΑΤΕΜΑΝ καλ(η)ά Δ
 ίερά ΔΑΜΝΕΥΔΑΜΝΟΙ
 ΩΤΑΚΤΗΡ ίερά ΜΑΡ Δημήτερ, πῦρ, Ζεῦ, Κόρη Χθονία
 ΤΡΑΒΔΑΗΤΡΟΣΗΝΙΣΤΗΟΙΣΤΝ
 ήρωσ ΝΗΓΑΥΝΗ φάος ές φρένα ΜΑΤΑΙΜΗΤΝΝΗΤΣΝΥΣΧΑ μήστωρ εἴλε
 Κούρην
 αἴα ΦΗΡΤΟΝΟΣΣΜΜΟ-ΕΣΤΟΝ άέρ ΤΑΙΠΛΝΙΛΛΥ ές φρένα ΜΑΡ*ΤΩΣ
 (BERNABÉ apud EDMONDS, 2011, p. 35)

"Protógono e Metis e Mãe de todos, Coré di(t)a Cibele, quanto nela de Deméter [...] Zeus [...] Sol. Fogo através de toda a cidade [INTASTE] partem dos deuses a Vitória e igualmente a Fortuna, vem Fanes, Moiras que tudo lembram [...] você, gloriosa divindade, DEUXI ao pai TIK, a todas as coisas sobrevém, todas as coisas [...] da recompensa às coisas suportadas PL TE não o fogo ao ar, e a mãe LY é para você ... sete noites Néstis e depois o dia [...] se(t)e dias de Néstis haveria, Zeus no Olimpo também tudo vê, sempre AIMILO mãe, escuta a minha prece [...] ao mesmo tempo a minha bela [...] Deméter Fogo Zeus e o inferno [...] para as entranhas da mãe [...] para as entranhas da mãe." (GAZZINELLI, 2007, p. 79)

- Lâmina de Roma – OF 491

Século II EC – Preservada pelo Museu Britânico de Londres

Transcrição

*"Έρχεται έκ καθαρών καθαρά, χθονίων βασιλεία,
 Εὔκλεες Εύβουλεῦ τε Διὸς τέκος· ἀλλὰ δέχεσθε
 Μνημοσύνης τόδε δῶρον ἀοίδιμον ἀνθρώποισιν.
 Καικιλία Σεκουδεῖνα, νόμωι ἴθι δῖα γεγῶσα."*
 (EDMONDS, 2011, p. 21)

Tradução

"Vem dentre os puros, pura, rainha dos seres subterrâneos,
 Eucles e Eubuleu, filho de Zeus. Aceita, pois, este dom de
 Mnemosyne, pelos homens celebrado.
 Vem, Cecília Secundina, legitimamente convertida em deusa. "
 (BERNABÉ, 2012, p. 337)

Placas de Osso

(Placa 1)

“βίος θάνατος βίος Ζ(?) / ἀλήθεια / Ζα (γρεῦς?) Ζ(?) / Διό (νυσος) (Διο (νύσφ)?) Ὀρφικοί. ”

(Placa 2)

“εἰρήνη πόλεμος / ἀλήθεια ψεῦδος / Διόν(υσος) (Διον(ύσφ) ?) / Α”

(Placa 3)

“Διό (νυσος) (Διο (νύσφ)?) / ἀλήθεια / σώμα ψυχή / Α”

Placa 1

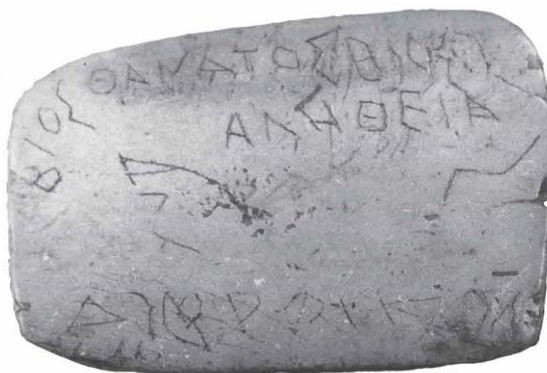


Fig. 25 – Lado A - Placa de osso de Ólbia 1. Imagem de domínio público facilmente encontrada nas páginas de busca da internet.

Placas 2 e 3



Drawings of the Olbia tablets, after *Vestnik Drevnei Istorii* 143 (1978),

Fig. 26 - Desenhos retirados da obra *Rituals texts for the afterlife: Orpheus and the Bacchic Gold Tablets*, de Sara Iles Johnston e Fritz Graf. Londres, Routledge, 2013, p. 186

ANEXO C – PAPIROS

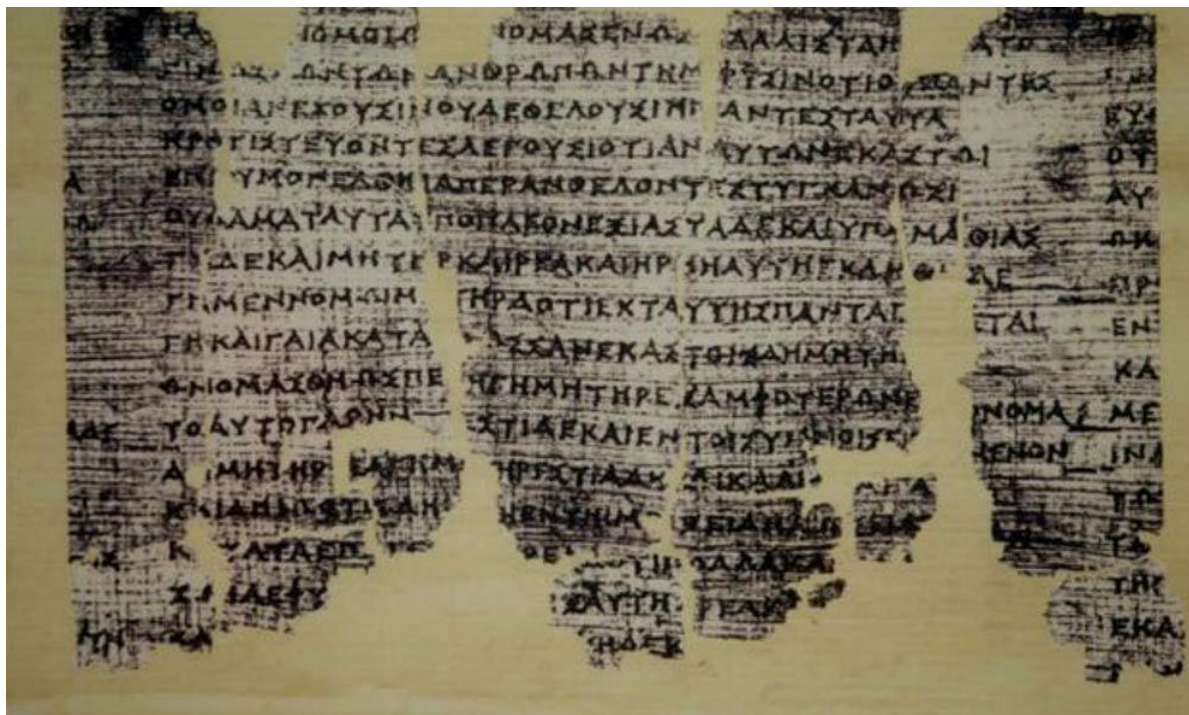
- Papiro de Derveni ²⁵⁹

Fig. 27 – Papiro de Derveni. Fotografia de Orestis Kouraki. Arquivo Fotográfico do Museu Arqueológico de Thessaloniki. Imagem extraída da página oficial da UNESCO: <http://www.unesco.org/new/en/communication-and-information/resources/multimedia/photo-galleries/preservation-of-documentary-heritage/photos-memory-of-the-world-register/2015/greece-the-derveni-papyrus-the-oldest-book-of-europe/>

²⁵⁹ Devido à grande extensão do papiro (são 26 colunas), optou-se apenas por apresentar imagens. Há que se notar que o papiro havia sido cremado e foi recuperado – daí a precariedade de qualquer imagem que se faça dele. Por esse motivo, apresenta-se, em conjunto, uma foto da famosa Cratera de Derveni, riquíssima em beleza e detalhes, hoje preservada no Museu Arqueológico de Thessaloniki.



Fig. 28 – Cratera de Derveni, datada de 330 - 320 AEC. Único vaso de bronze intacto com relevos decorados preservados do período. A decoração retratada é um hino a Dioniso. Num dos lados, pode-se observar a união entre Dioniso e Ariadne. Encontrada em 1962, na mesma tumba de onde rolou o Papiro de Derveni. Foto de domínio público – Preservada pelo Museu Arqueológico de Thessaloniki.

- Papiro de Gurôb

Transcrição ²⁶⁰

Col. i	P. Gurôb 1: Text ²²	Col. ii
] αστα εχων α ευρηι	[
] ωμαδεσυνλεγε	..[
] δια την τελετην	α..[
5] α τεμον ποινας πατε	...[
] σωισομ με βριμω με[
] δημητερ τε ρεα	ματ[
] κουρητες τε ενοπλοι	αρα [
] ωμεν	πουσ[
] να ποιωμεν ιερα καλα	ουνσυ[
10] νηι κρισ τε τραγος τε	ραχος κι[
] απερισια δωρα	ευχεσ[
] ου και επι ποταμου νομωι	νον π [
] ανων του τραγου	μη εχη[
] τα δε λοι πα [[...]] κρεα εσθιετω	τι ημε[
15] σ μη εφορατω	θεν του[
] χου αναθεις εις το ανηιρ ε	τριχω [
] αλων ευχη	βλεπω[
] νον και ευβουλεα καλω	κααρ [
] ευρηας κικλησκω	δωι λοι[
20] [.] το φιλουσ συ απαυανασ	επ... [
] ημητροσ και παλλαδος ημιν	δια... [
] λευ ιρικεπαϊγε σωισομ με	θε εκ κα[
] η τα[]εις διονυσος συμβολα	γεν... [
] υρα θεος δια κολπου	ζε... [
25] ι[]ν επιον ονος βουκολοσ	πορει [
] ιασ συνθεμα ανω κατω τοισ	διουλ [
] και ο σοι εδοθη ανηλωσαι	τ[
] ισ τον καλαθον βαλιν	
] ωνοσ ρομβοσ αστραγαλοι	
30] η εσοπτροσ	

(Cf. HORDERN, 2000, p. 135)

²⁶⁰ A segunda coluna do papiro está completamente desgastada, mas palavras como “súplica”, “cesto”, “bacia lustral” e “viagem” aparecem legíveis (West, 1983).

Tradução

...] Tendo tudo aquilo que ele encontrou
 ... deixe-o] recolher a crua (carne)
 ...] por conta da **teleté**.
 “[Receba minha dádiva] como pagamento por ancestrais sem] lei
 4
] Salve-me, Brimo, a [maior
] e Demeter [e] Rhea [
] e os **armados Curetes** [...]
] que nós 8
] para que possamos **realizar belos ritos**
] ... carneiro e ele - cabrito
] vários **presentes**. ”
] e ao longo do rio 12
 Fa] lando -se dele - cabrito
] ... deixe-o comer o resto da carne
] Mas que o não i]niciado não assista a
] ... dedicando os escolhidos 16
] ... Suplicam:
 “ Eu invoco [Protogo]nos (?) e Eubuleu,
] Eu invoco a vasta [Terra
] ... os queridos. Você, tendo perecido 20
 de De]meter e Palas para nós
Eubou]leu, Irikepaios, salvem-me
Atirador de relâmp] agos ... um só (?) Dioniso. Senhas:
] ... deus através do peito 24
] ... Eu bebi [vinho?], mula, pastor de rebanhos ²⁶¹
] ... **symbola**: acima e abaixo para o ...
] e aquilo que foi dado a você para consumo
 den] tro da **cesta**, e novamente 28
c]one (ou pinha), discos, ²⁶² **ossos** ²⁶³,
] espelho

²⁶¹ Burkert afirma que os *Bacchoi* utilizavam o termo “*boukóloi*”, pastores, para se referirem aos iniciados; caso fossem sacerdotes, eram chamados de *hiéroi boukóloi*. (2005, p. 40). Neste mesmo sentido, Clemente de Alexandria fala sobre os mistérios de Dioniso: “Os habitantes de *Elêusis*, nesta época, eram autóctones; eram chamados de *Baubos*, *Dísaules*, *Triptólemos* e ainda *Eumolpos* e *Eubuleus*; *Triptólemo* era boiadeiro; *Eumolpo*, pastor de ovelhas; *Euboleu*, porqueiro. ” (Le. *Protep.* [20. 2], 2004, p. 53)

²⁶² A palavra em grego que traduzimos como *disco*, na penúltima linha, e que também pode ser traduzida como roda, é “*rhombós*”. Tratava-se de um brinquedo em forma de roda ou disco, preso a uma corda, que emitia um zumbido ao girar, lembrando o rugido de um touro.

²⁶³ A palavra em grego que aqui traduzimos como ossos é “*astrágaloi*”. Era um outro brinquedo, que lembrava dados, e era feito de ossos.

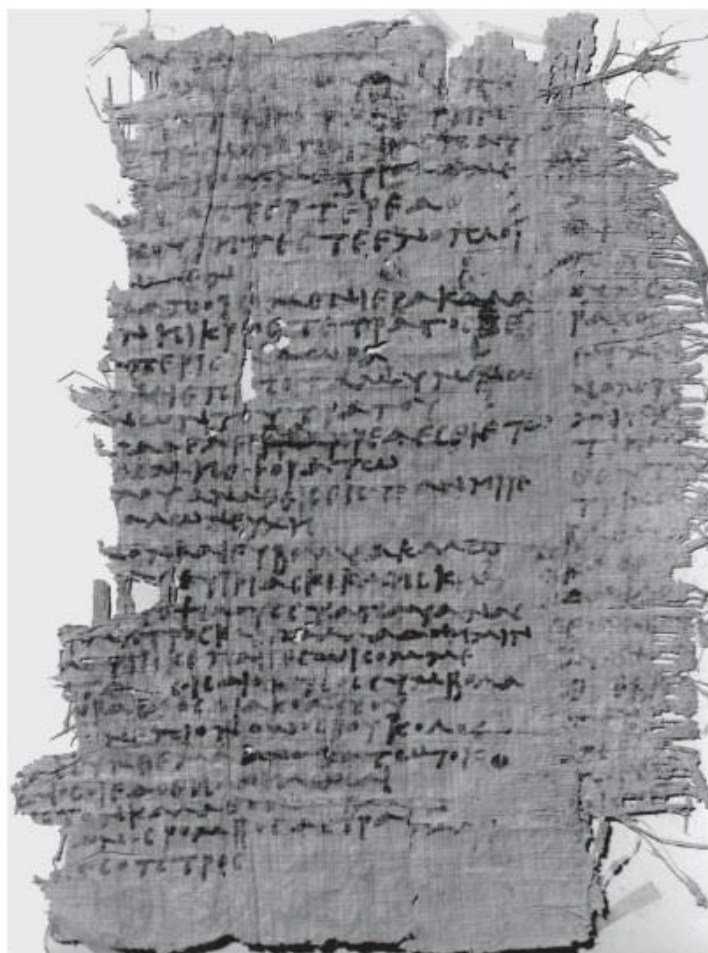


Fig. 29 – Papiro de Gurôb – imagem extraída da obra de HORDERN, 2000, p. 136.

- Papiro de Bologna – OF717

Apresentam-se as partes do códex que contêm os fragmentos sobre a *katábasis*. Segue-se a edição do *Orphicorum Fragmenta* de Alberto Bernabé e a transcrição e tradução de Ana Isabel J. San Cristóbal (2017, pp. 49-53):

fol. 1v

ἔσ]τυγε μᾶλ[λον] ἀκούειν 25
] Ἐρινύες [ἄλλο]θεν ἄλλαι
]ς δ'ἐκέλευσ[εν] ἑκάστη<ι>
 πληγαῖς φον]ίοισιν ἱμά]σσει]ν
 κ]εύθεα νυκ[τὸς] ἔρεμνῆς
]. ν ἑκάτερθε δὲ πάντη 30
 ἰ]χωρ'ἐλλεινὸν ἰεῖσαι¹²⁷
 λειμῶνα π]ολύστονον ἔνθα νέμοντο
 γαμψ]ώνυχες εἰλαπιναστὰ
]. σ[.]ος ἐστηῶτες
 κ]αὶ [ἱμ]ερόεντες Ἔρωτες 35
 κατ]έχ[ου]σι δὲ Κύπριδος εὐνήν.
]. δε[.] ἄρτι ταθείσαι
]. . [] . μ. [] υσ. ρ. []
]. ἔ]λλαγο[ν
 ἰ]θύνεσ[κ]ον 40
]ος ἄκρα β[
 Πυριφλε]γέθοντος[
]. υτοιο γα[
]ενοναρ[
]. υ.[45
]ναλλ[
 desunt versus c. 3 aut 4

fol. 2r

δς δὲ κασι[γ]νήτοι φόνον ἦ[ρ]τι]σεν, ὄφ[ρα] κε πατρός
 δόματα μ[ο]ῦνος ἔχη [κα]ὶ χρήματα [πάντα κομίζη]
 δς δὲ φύλη[ν] παράκο[ι]τιν [ὄ]πήγαγεν ἀ[νέρι] μοιχῶι 50
 δῶρα λαβ[ῶ]ν. ὁ δὲ παῖδ[α] κ]ατήσχυε]ν
 μισθὸν ἀμειψάμενο[ς] κα]κομηχαν[
 ἦδη τις κα[ὶ] νυκτὶ καὶ ἡματι πολλὸν ἀ[γείρων]
 χρυσὸν ἐνὶ μμεγάρουσι<ι> ἀπέχθηρ[εν] μὲν ἔδοδὲν]
 καὶ ποτό[ν], ἐν χρυσῶι δὲ κοκώμενον [ἴδ]ον ἔπινεν.]
 δς δὲ φύ[ο]ν τινα φῶτα κακῶι παρέδω[κεν] ὀλέθρῶι 55
 χρήματ[α] δεξάμενος φύλ[ο]τ]ητα . []¹²⁸
 ἄλλος ἐ[] υβρίζων. . [] .]εν εσ[]το []
 πολλὰ κα[τομν]ύων ἰαράς, πε[]
 γηραιὸς [δὲ τὰ] λευκὰ κατῆ[σ]χ]υνε]ν[
 Ἄιδος ε[] 60

fol. 1v

] y lo odiaba más al oír 25
] las Erinis, unas de un lado, otras de otro
] ordenó a cada una
 que los fustigaran con azotes sanguinarios
] antros de noche tenebrosa
] a uno y otro lado 30
] arrojando miserable putrefacción
 en la pradera llena de gemidos donde moraban
 (las Harpías) comensales de curvas garras
] los que están en pie
] y los placenteros Amores 35
 reprimen el lecho de Cipris
] recién tendidas
 [...]]
] les tocó en suerte
 enderezaron 40
] extremo []
 Piriflegetonte
 [...]]
 (faltan 3 o 4 versos)

fol. 2r

el que preparó la muerte de su propio hermano, [para
 tener solo la casa [del padre] y [obtener todos] sus bienes.
 Y el que arrastró a su querida esposa a un adúltero 50
 a cambio de regalos. Y el que deshonoró a su hijo
 recibiendo dinero y actuando con maldad.
 Y alguno también que día y noche acumulando
 dinero en su morada aborrece la comida y
 la bebida y mezclado con el oro bebe un veneno.
 Y el que entregó a un ser querido a la funesta ruina 55
 y por recibir dinero [pisoteó] la amistad.
 Y otro, siendo soberbio []
 tras prestar múltiples juramentos []
 y el anciano que avergonzó sus blancos cabellos []
 del Hades 60

fol. 3r

ἦλθον εὐ[χό]μεναι καὶ μη[τέρ]ες εἰσι . [.]
καὶ ὄ[λλ]αι . [.] . ἐς αἰδέσι[μαί τι]νες αἶ τε [.]
αἶ τε σὺν ἡλ[α]κάτη π[ά]ντ[α] χρόνον ἀθ[λή]σασαι
ἄχραντοι ζ[ώε]σκον ἀπει[ρο]νε[ς] ὕβριος ἀ[ίν]ης .] 100
αἶ τε σαιοφο[σύ]γην καὶ ἐς Ἄ[ι]δος ἦλθον [ἔ]χουσαι
καὶ ὄ[α]υτὰ μ[ε]γ[άλ]οντο φίλους δ' ἐσάωσ[αν]
αἶ δὲ βίον σ[οφί]ησιν ἐκόσμεον¹³¹ . ἦ γὰρ αἰοιδά[ς]
θεσπεσίας [ἐφύ]τευσαν ἐν Ἀπόλλωνος [ἀλ]ωή[ι]
ἠερίων ἐφύ[π]ερθεν ὀχρησάμεναι γ . [¹³² 105
ἔργα βροτῶ[ν] γένεσιν τε θεῶν φ[ό]ρμ[ι]γγι κλέουσαι
ἦ νούσον . [. .] . [.]¹³³ ἀνηλ[ε]γέων ἀλεω[ρ]ήν
ρίζας τρά[μ]νουσαι πρὸς] ἔλκεα κεκμηῶ[των]
ἦ] πυρ . [.] . [.] . ἠὲ σὴδ[ή]ρ-
ἀλλ . [.] 110
ἄλλαι δ[έ]
σπε .
ἐς θερ[μ]
αἶ δὲ [.]
ωιξ[α]
ἦ οσαλ[α]
γαῖα δε[ξ]
ἐρχομενα [.]
. . .]τις [.]]τ . [.]
σ]περματ . [.] 120
. . . .]δαλδ[ή]
deest nihil

fol. 3v

ἐς ἔ]λεγχος [ἀεὶ γα]γύωντι προ[σώ]ποι
πά]σησιν εὐικ[ό]τα μ[ι]σθὸν ὀπ[η]δεῖν
Δικαιοσύν]ης θυγάτηρ π]ολύφθμος Ἄμοιβή
]. πατρὸς [ὑπὸ] χθονὸς ἠγ[αγε] γῶτα¹³⁴ 125
παμφαν]όοντα πολύχροα καλὰ [μέ]λαθρα

γ]γενῆς ἦ τ' ἄμμορος ἔπλετ[ο] σαρκῶν
ψυχῇ ἀπει]χομένη χθόνιον γένος, ἀλ[λ'] ὑπ' ἀνάγκη
ἀμφέσατο θ]νητῶν μελ[έ]ων σκιδέγ[τα] χιτῶνα
]. . σ[ου]σιγ ὀρινομένοιο β[ε]ρ[έ]θρου 130
οὐδὲ νέφος μελ[άν]υδρον ἀγείρεται [ο]ὔδ[ε] χ]άλαζα
]. . δ[υ]μβρος ἐπ[ε]ίγεται ἀλ[λὰ] γαλ]ήνη
ἦ]ματα πάντα [.] . α [.]]ης
]. χησινεπε . ρ[.]
] νικ[.] 135

]ν
]ς
].-
]
].η
].ε
].-
θ]έμιστας
].-το
].- θης 145
]. ω
]. .
].- []- []
deest nihil?

fol. 3r

llegaron suplicantes y son madres [.]
pero otras [.] respetables, algunas las que [.]
y las que se ejercitaron con la rueca todo el tiempo
vivieron puras, desconocedoras de la terrible soberbia. 100
Y las que llegaron al Hades teniendo moderación,
las que salvaron a sus amigos aun muriendo ellas,
las que adornaron su vida con el arte, pues o bien cantos
divinos cultivaron en el [huerto] de Apolo,
llevadas por encima de las aéreas [nubes], 105
celebrando con la forminge hazañas de mortales y el
nacimiento de los dioses,
o [concibieron] un remedio para las enfermedades crueles,
[cortando] raíces para heridas de enfermos
o [curaron? con auxilio] del fuego o del hierro.
Otras [.] 110
otras [.] 110

tierra
teniendo

simiente 120
(no falta nada)

fol. 3v

a la prueba con rostro alegre
] acompañar un pago conveniente para cada uno
] la hija de [Justicia], la afamada Retribución
maneja los dominios de su padre [bajo] tierra 125
las resplandecientes y hermosas moradas multicolores,

]la que de la generación y de la carne permaneció privada
el alma que] renegó de su estirpe mortal, pero por
necesidad
tuvo que llevar] la sombría túnica de los miembros
mortales
] del agitado abismo 130
ni nube de agua negra ni granizo se concentra
] ni apremia la lluvia, sino que una calma
todos los días [. . .]

decretos

(¿no falta nada?)

**ANEXO D - IMAGENS DE DIONISO, SEU SÉQUITO E DE MAIS DIVINDADES
RELACIONADAS AO DEUS**



Fig. 30 - Pinax com Dioniso na presença de Perséfone
Argila, 490-480 AEC. Locri Epizefiri, encontrada em Mannella, santuário de Perséfone
Reggio Calabria, Museo Nazionale, inv. 58729. Imagem de domínio público facilmente encontrada em
sítios de pesquisa pela internet.



Fig. 31 - *Pinax* em terracota (século V AEC). Representa Perséfone (jovem) colocando um pano dobrado, possivelmente um peplo, em uma caixa de madeira entalhada. Museu Arqueológico Nacional de Locri, Calábria. Imagem de domínio público facilmente encontrada em sítios de pesquisa pela internet.

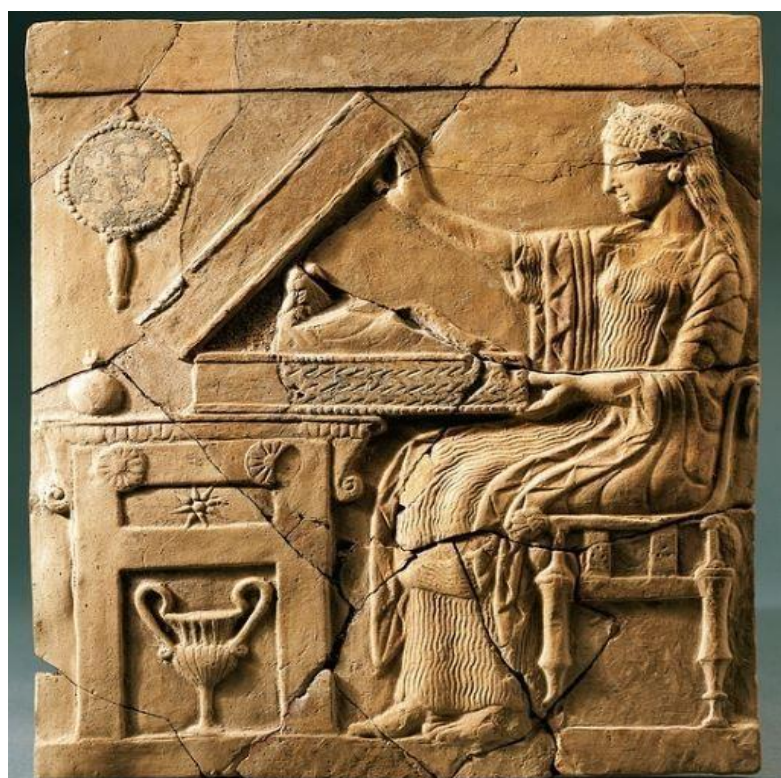


Fig. 32 - *Pinax* em terracota (século V AEC). Perséfone abre uma cesta mística. Museu Arqueológico Nacional de Locri, Calábria. Imagem de domínio público facilmente encontrada em sítios de pesquisa pela internet.



Figuras 33 e 34 – Cratera-Voluta – Museu de Arte de Toledo - n.1994.19. Cerâmica oriunda de Taranto, Itália, datada de 330 AEC. Nas cenas, Perséfone está com Hades, que aperta as mãos ou cumprimenta Dioniso. É a única imagem antiga conhecida de Dioniso no submundo, provavelmente intercedendo por seus iniciados. As demais imagens (abaixo) também estão relacionadas ao deus. À esquerda, vê-se Persis (mênade), Oinops (um sátiro) e outra mênade não identificada. À direita, vê-se Aktaion com chifres (ele foi transformado em veado pela deusa Ártemis); Penteu, morto num ritual dionisiaco; Hermes e Agave (mãe de Penteu). Abaixo do palácio, um Paniskos brinca com Cérbero. Do lado reverso, observa-se um jovem nu, provavelmente uma representação do defunto da tumba na qual a cratera foi encontrada, está de frente, num Naiskos, cercado por outros jovens e donzelas com oferendas fúnebres. Imagem extraída da página oficial do Museu: https://www.toledomuseum.org/search?search_text=krater+volute+Toledo

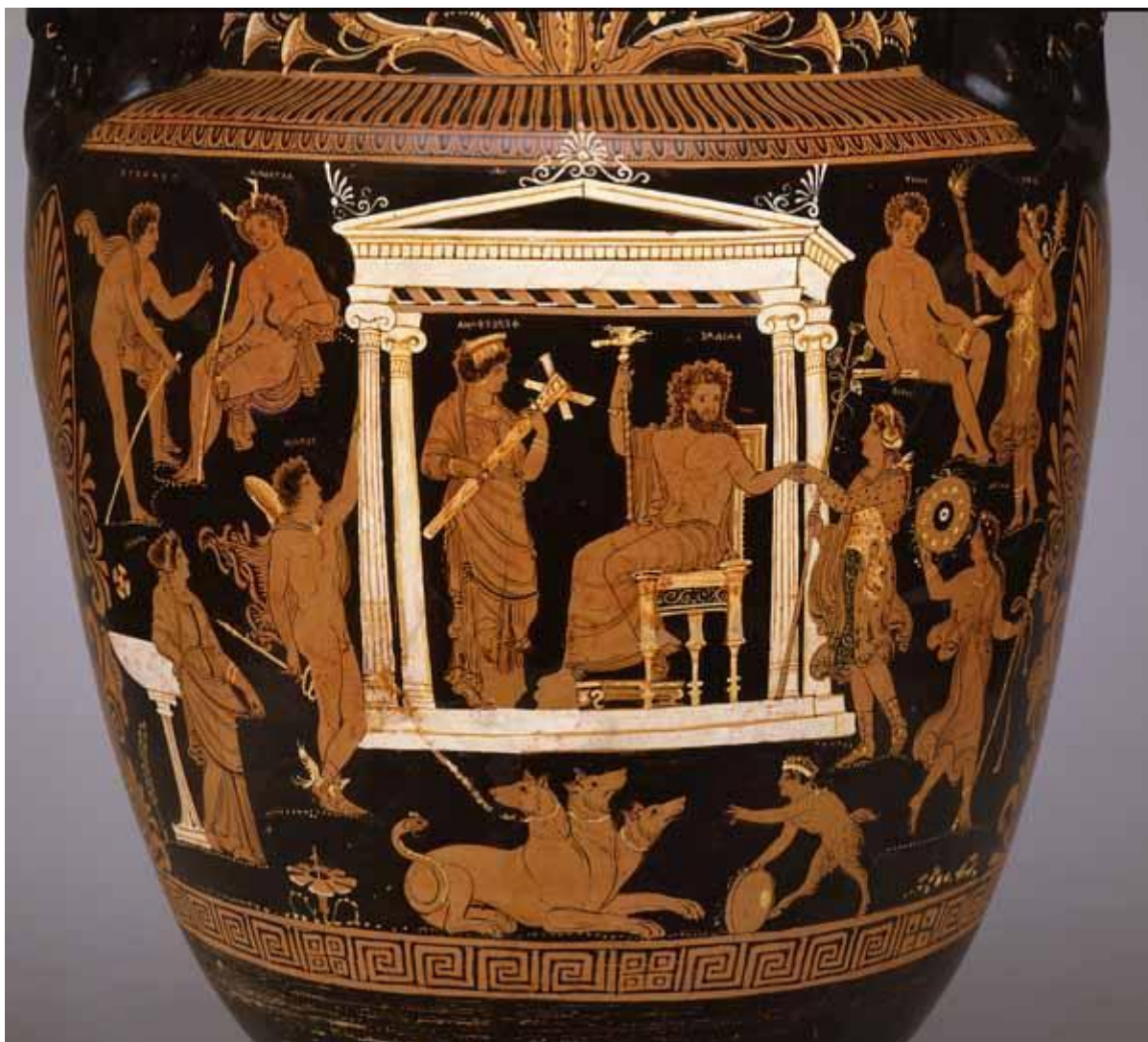


Fig. 35 – Detalhe da parte da frente da Cratera-Voluta – Museu de Arte de Toledo - n.1994.19. Cerâmica oriunda de Taranto, Itália, datada de 330 AEC. Nas cenas, Perséfone está com Hades, que aperta as mãos ou cumprimenta Dioniso. É a única imagem antiga conhecida de Dioniso no submundo, provavelmente intercedendo por seus iniciados. As demais imagens (abaixo) também estão relacionadas ao deus. À esquerda, vê-se Persis (mênade), Oinops (um sátiro) e outra mênade não identificada. À direita, vê-se Aktaion com chifres (ele foi transformado em veado pela deusa Ártemis); Penteu, morto num ritual dionisíaco; Hermes e Agave (mãe de Penteu). Abaixo do palácio, um Paniskos brinca com Cérbero. No lado reverso, um jovem nu, provavelmente uma representação do defunto da tumba na qual a cratera foi encontrada, está de frente, num Naiskos, cercado por outros jovens e donzelas com oferendas fúnebres. Imagem extraída da página oficial do Museu: https://www.toledomuseum.org/search?search_text=krater+volute+Toledo. Acesso em 28 jul 2019.

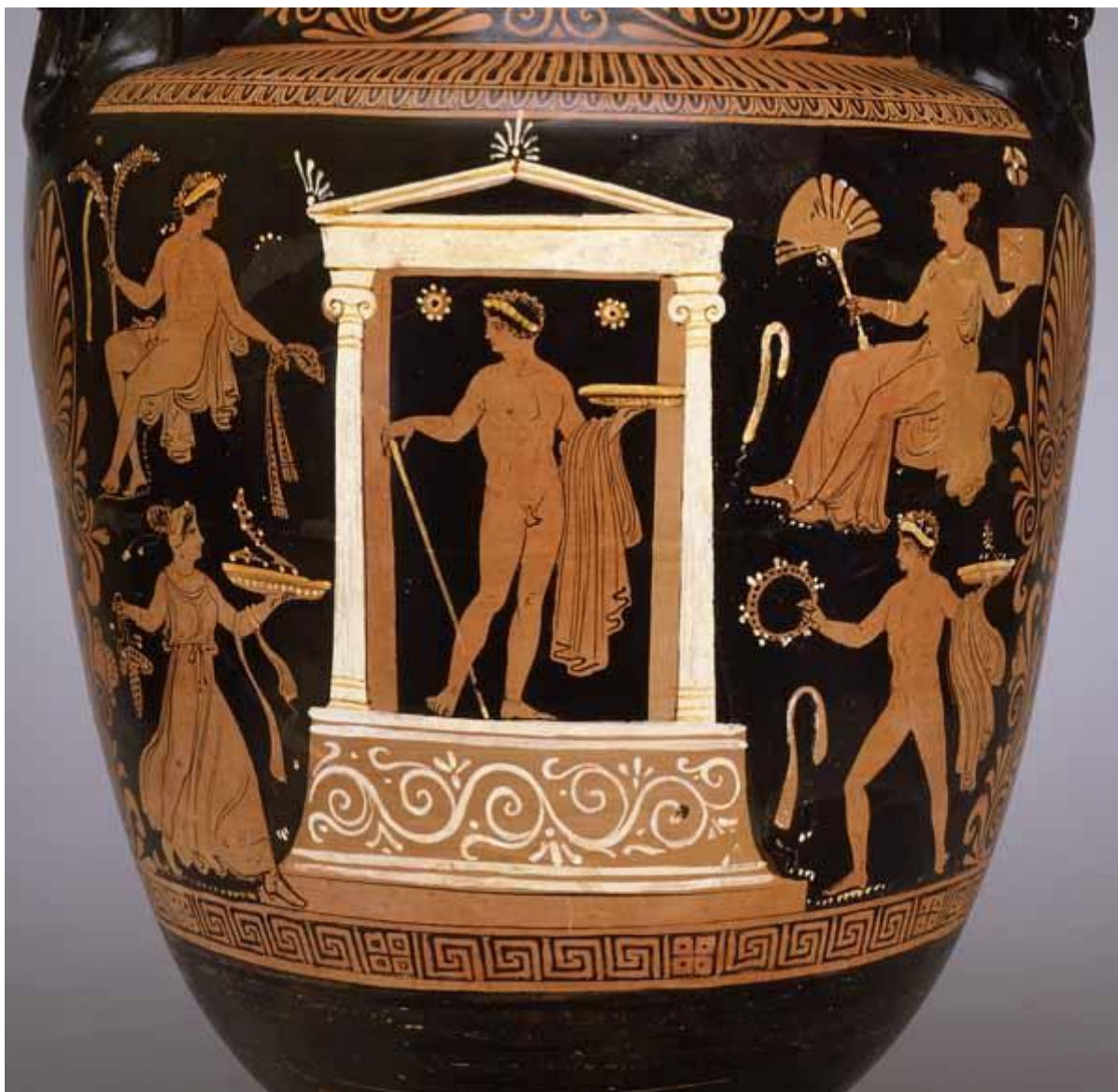


Fig. 36 – Detalhe da parte de trás da Cratera-Voluta – Museu de Arte de Toledo - n.1994.19.
 Cerâmica oriunda de Taranto, Itália, datada de 330 AEC.
 No lado reverso, um jovem nu, provavelmente uma representação do defunto da tumba na qual a cratera foi encontrada, está de frente, num Naiskos, cercado por outros jovens e donzelas com oferendas fúnebres. Imagem extraída da página oficial do Museu:
https://www.toledomuseum.org/search?search_text=krater+volute+Toledo. Acesso em 20 jul 2019.



Fig. 37 – Foto tirada por mim (coleção particular), em 4 de fevereiro de 2019, da sessão de vasos dionisíacos expostos no Rijksmuseum Van Oudheden, em Leiden, Holanda.



Fig. 38 - Esta foto foi tirada por mim, no dia 4 de fevereiro de 2019, véspera de meu aniversário, no Rijksmuseum van Oudheden, em Leiden, Holanda. Ânfora (com pescoço) ática de figuras negras, produzida em Atenas, em 520 AEC. No detalhe da frente, Dioniso aparece reclinado numa espécie de divã, segurando um grande *kantharos* e sendo servido por um sátiro barbado, que carrega consigo uma Enócoa (jarro para vinho). O deus, com uma longa barba vermelha, usa uma coroa de hera, um quíton branco e uma capa com listas largas em vermelho e preto, decorada com pequenos pontos em formato de rosas. As tintas vermelha e branca foram adicionadas posteriormente. Ao fundo, vê-se uma videira com cachos de uvas.

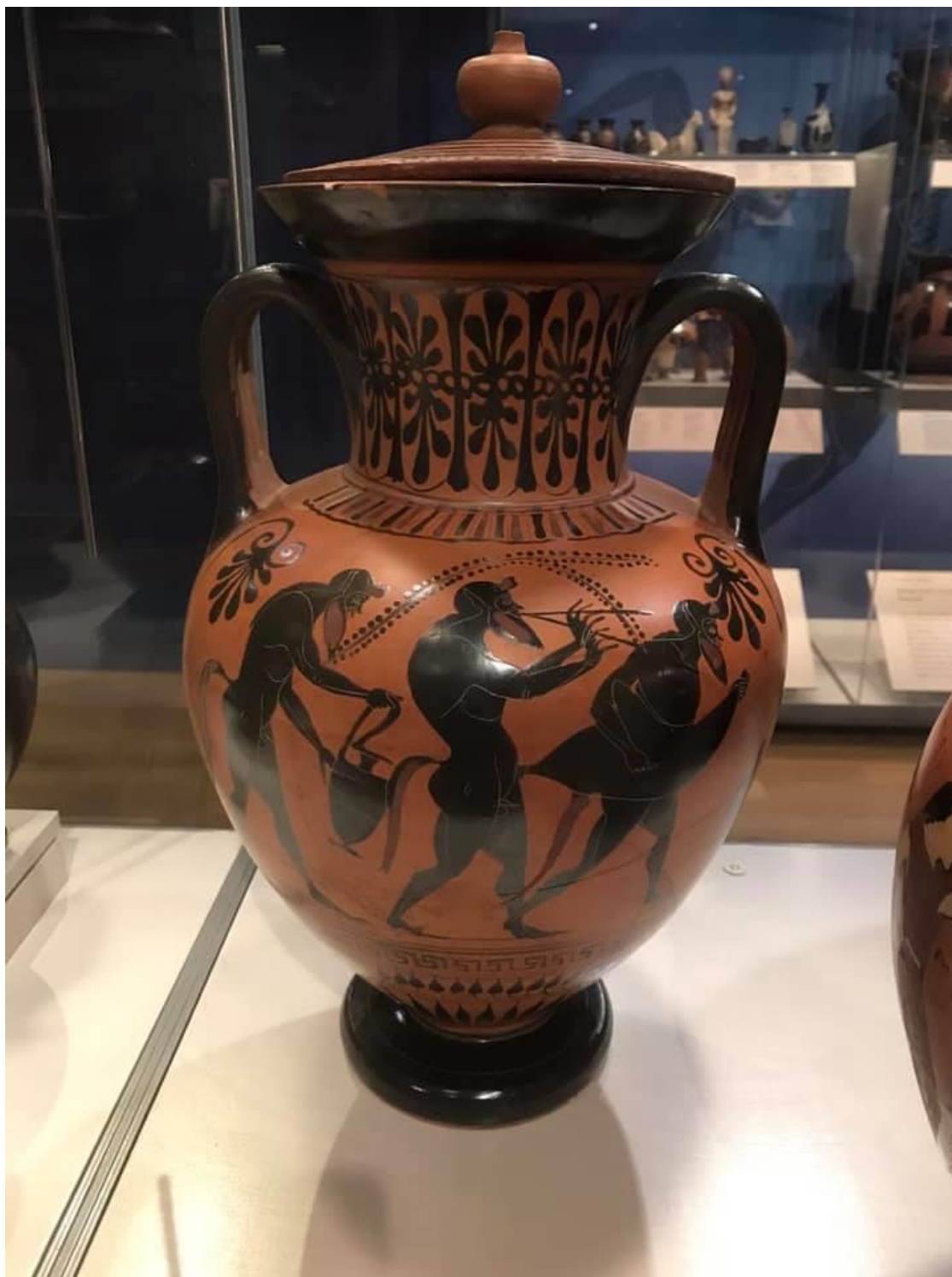


Fig. 39 - O outro lado da ânfora mostra três sátiros caminhando pela direita, o primeiro (à esquerda) carrega uma Enócoa, o segundo toca uma espécie de flauta e o terceiro aparece com um odre de vinho. Material atribuído ao grupo de Würzburg 199 por Sir John Beazley e adquirida da Coleção "Canino", n. 2058, em 1839 de Lucien Bonaparte (1775-1840).



Fig. 40 – Foto tirada por mim, em 04 de fevereiro de 2019, no Rijksmuseum Van Oudheden, em Leiden, Holanda. *Kyathos* ático, datado de 510 – 500 AEC, em que Dioniso aparece barbado, montado numa mula, cercado por videiras e cachos de uva. Adquirido da mesma coleção de Lucien Bonaparte, em 1839.



Fig. 41 - Foto tirada por mim, em 04 de fevereiro de 2019, no Rijksmuseum Van Oudheden, em Leiden, Holanda. *Stamnos* em que Dioniso segura um Kantharos, cercado de mênades e sátiros dançantes. Cerâmica ática de 520 AEC, adquirida da mesma coleção de Lucien Bonaparte, em 1839.



Fig. 42 – Foto tirada por mim, em 04 de fevereiro de 2019, no Rijksmuseum Van Oudheden, em Leiden, Holanda. Dioniso dança com as mênades (fazendo música com castanholas). Ânfora de cerâmica ática, de 500 AEC. Adquirida da mesma coleção de Lucien Bonaparte, em 1839.



Fig. 43 - Ânfora de cerâmica com pinturas negras, provavelmente pintada por Exéquias. Retrata Dioniso sentado, com seu *Kantharos* e rodeado por seu séquito de sátiros, caixos de uva e cestas. Data de 540 – 530 AEC. Adquirido de Henry Lillie Pierce Residuary Fund e Francis Bartlett Donation, em 1900. Imagem extraída de: <http://www.my-favourite-planet.de/english/people/d1/dionysus.html> Acesso em 10 jun 2019

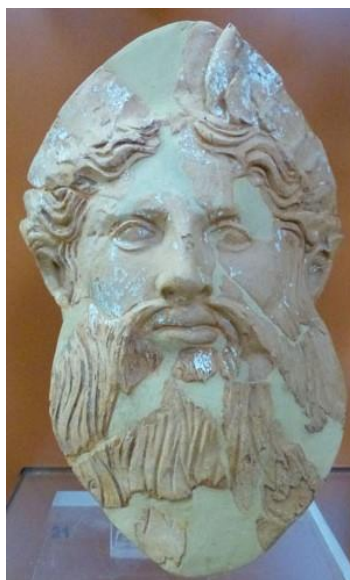


Fig. 44 - Máscara de argila, de 18 cm, de um Diniso barbado, possivelmente Dioniso-Hades. Data do IV século AEC e foi encontrada próxima a um teatro no santuário de Deméter e Koré, em Corinto. O deus aparece com uma coroa de folhas de heras e, estranhamente, com chifres curvados (um está quebrado) no centro da cabeça. A face foi identificada como a de uma representação de Dioniso-Hades. Também foi encontrada uma outra pequena máscara, com uma placa de cerâmica contendo a inscrição “Dioniso”. Atualmente, encontra-se no Museu Arqueológico de Corinto (inv. N. 73-3). Imagem extraída de: <http://www.my-favourite-planet.de/english/people/d1/dionysus.html> Acesso em 10 jun 2019



Fig. 45 - Cabeça de mármore de uma estátua de Dioniso Jovem. IV século AEC. Preservada por Pergamon Museum, Berlin. Imagem extraída de: <http://www.my-favourite-planet.de/english/people/d1/dionysus.html> Acesso em 10 jun 2019



Fig. 46 – Lekythos de Atenas, retratando o nascimento de Dioniso da coxa de Zeus, provavelmente pintado por Alkimachos. Na cena, Hermes aguarda para levar o infante até as ninfas. Período Clássico – 460 AEC. Acervo do Museu de Finas Artes de Boston (Caskey-Beazley, n. 148). Imagem extraída da página do Museu. Disponível em: <https://collections.mfa.org/objects/153761/oil-flask-lekythos-with-the-birth-of-dionysos?ctx=a625841e-f50c-4dc0-a9d4-90343761cb5f&idx=2> Acesso em: 31 jul 2019



Fig. 47 – Naiskos em ouro contendo um Dioniso bêbado, agarrado a um sátiro e uma pequena pantera, envoltos por colunas jônicas. Contém granadas e esmeraldas e data do II século AEC. Atualmente, está preservado pelo Museu Arqueológico Nacional de Atenas e faz parte da Helen and Antonios Stathatos Collection. Imagem extraída de: <http://www.my-favourite-planet.de/english/people/d1/dionysus.html> Acesso em 29 ago 2019



Fig. 48 - Naiskos de mármore, encontrado próxima a Atenas, exibindo Prokles, um guerreiro barbado. Os nomes das figuras estão gravados nas epístolas e o homem sentado e a mulher em pé são provavelmente os pais do guerreiro. Data de 330 AEC e está preservado no Museu Arqueológico de Atenas. Imagem extraída de: <http://www.my-favourite-planet.de/english/people/d1/dionysus.html> Acesso em 29 ago 2019



Fig. 49 – Terracota *Hydria – Kalpis*. Atribuída ao pintor de Villa Giulia. Representação de um Sátiro, entre mulheres, com o bebê Dioniso nos braços. Data de 460 – 450 AEC, da região de Nola. Atualmente, está exposto no Metropolitan Museum of Art, de Nova York. Imagem extraída da página do Museu. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/256791>. Acesso em: 03 ago 2019

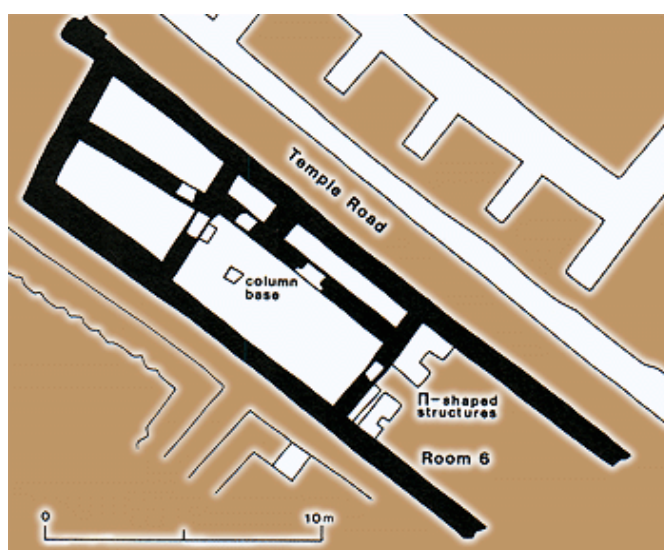


Fig. 50 – Santuário de Ayia Irini, em Keos. Plano do Santuário na Idade do Bronze tardia. Schallin, A.-L., *Islands under Influence. The Cyclades in the Late Bronze Age and the Nature of Mycenaean Presence*, *Studies in Mediterranean Archaeology* vol. CXI, Paul Astroms Forlag, Jonsered 1993, p. 65, fig. 26.



Fig. 51 - Santuário de Ayia Irini, em Keos. Imagem disponível em:
<http://www.culture.gr/2/21/211/21101a/00/lk01a062.jpg>
Acesso em 04 ago 2019



Fig. 52 – Afresco da sala do trono do palácio de Knossos, em Creta. Era minoica, data de XVII ao XV século AEC. Imagem de domínio público, facilmente encontrada em páginas de busca pela internet.



Fig. 53 – Aquarela de Vincenzo Cantatore, de um afresco de uma tumba de guerreiro, em Ruvo di Puglia, Itália, V século AEC, coleção privada. Descoberto em 1833, na vila dos Capuchinhos, o afresco foi fragmentado e teve algumas partes vendidas. As partes que sobraram estão preservadas pelo Museo Arqueológico Nacional de Napoli. O cenário representa uma *ghéranos*, uma dança típica e ritual, ligada ao labirinto de Knossos e ao mundo subterrâneo (vê-se a presença de Romãs). Imagem disponível em: <https://www.cittanuova.it/la-danza-della-vita/> Acesso em 02 jun 2019



Fig. 54 – Parte do afresco funerário de Ruvo di Puglia, representando uma *ghéranos*. Imagem disponível em: <https://www.cittanuova.it/la-danza-della-vita/> Acesso em 02 jun 2019



Fig. 55 - Hermes carrega o bebê Dioniso ao Papposileno. Cratera/cálice ática do pintor da Philæe de Boston – aprendiz do pintor de Aquiles. Cerâmica pintada em técnica policromada sobre fundo branco, oriunda de Vulci (Etrúria) Data de 440/435 AEC. Possui 32,8 cm de altura. Inv. 16586 – Museu do Vaticano, Museu Gregoriano Etrusco. Na cena do Lado A: Hermes, com seu típico pétaso e as sandálias aladas, entrega o pequeno Dioniso ao Papposileno. Atrás de Hermes e do ancião aparecem as duas ninfas de Nisa, que aguardam a criança. Imagem extraída de: <http://www.museivaticani.va/content/museivaticani/en.html>. Acesso em 30 ago 2019

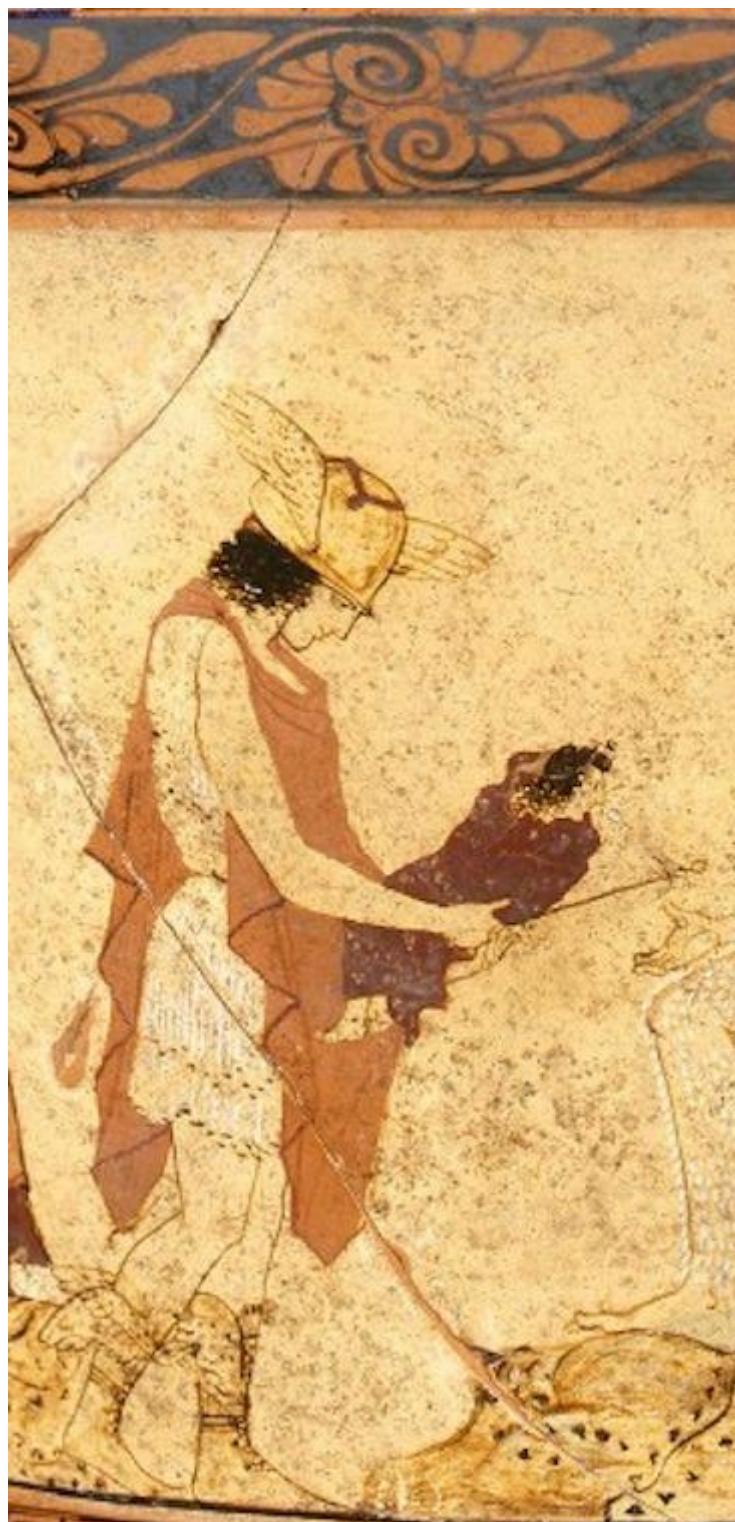


Fig. 56 – O pequeno Dioniso sendo carregado por Hermes. Imagem extraída de: <http://www.museivaticani.va/content/museivaticani/en.html>. Acesso em 30 ago 2019

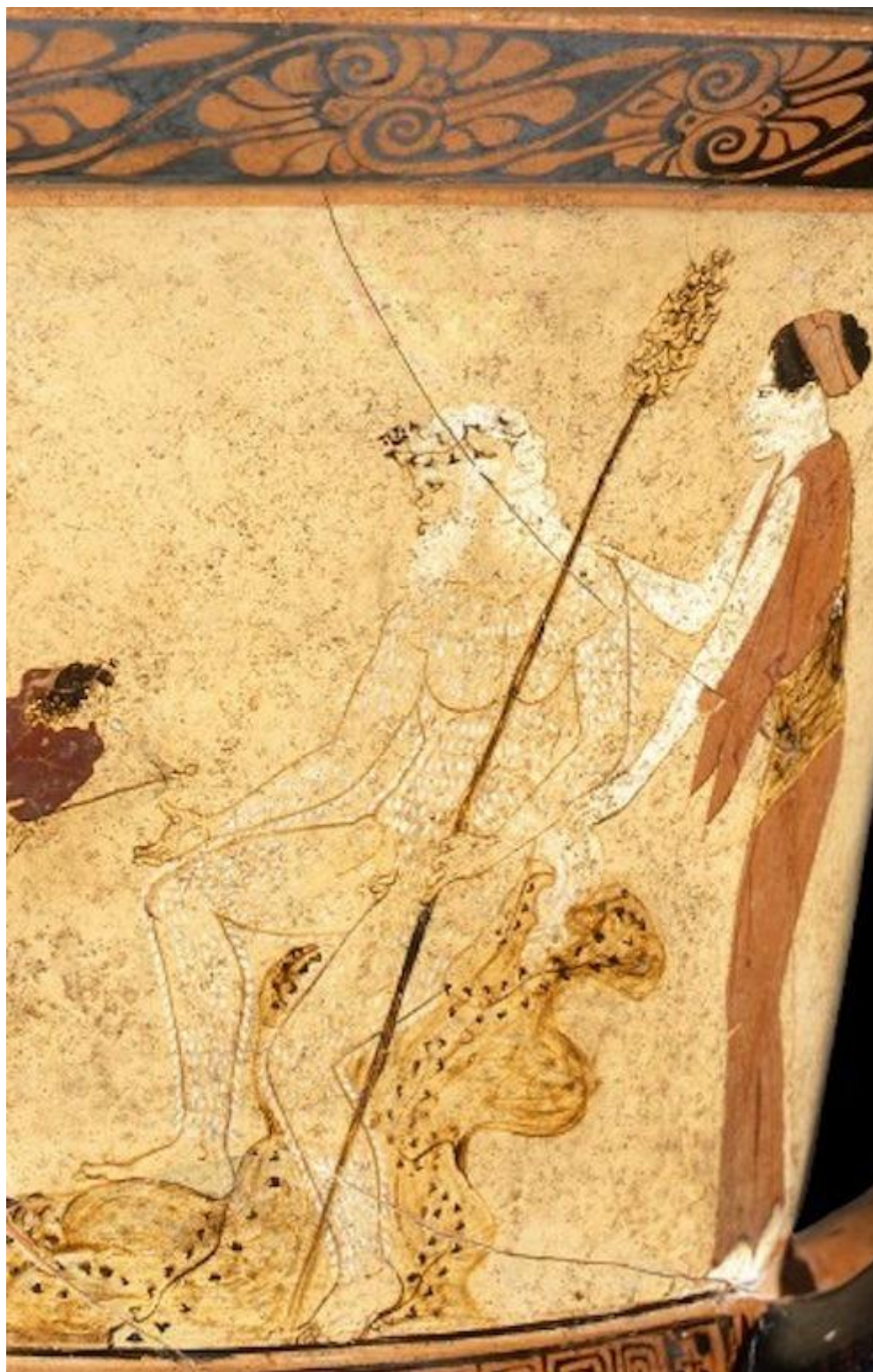


Fig. 57 – O Sileno ancião (Papposileno) com um tirso. Imagem extraída de: <http://www.museivaticani.va/content/museivaticani/en.html>. Acesso em 30 ago 2019



Fig. 58 - Lado B da Cratera: Três musas representam a dança, a música e o teatro. Acredita-se que o tema principal descreva, na verdade, uma representação cênica, possivelmente de um drama perdido de Sófocles. Fonte: Musei Vaticani. Disponível em:

<http://www.museivaticani.va/content/museivaticani/it/collezioni/musei/museo-gregoriano-etrusco/sala-xxi--della-meridiana--ceramica-attica-ed-etrusca/cratero-a-calice-attico-del-pittore-della-phiale-di-boston.html>. Acesso em 30 ago 2019

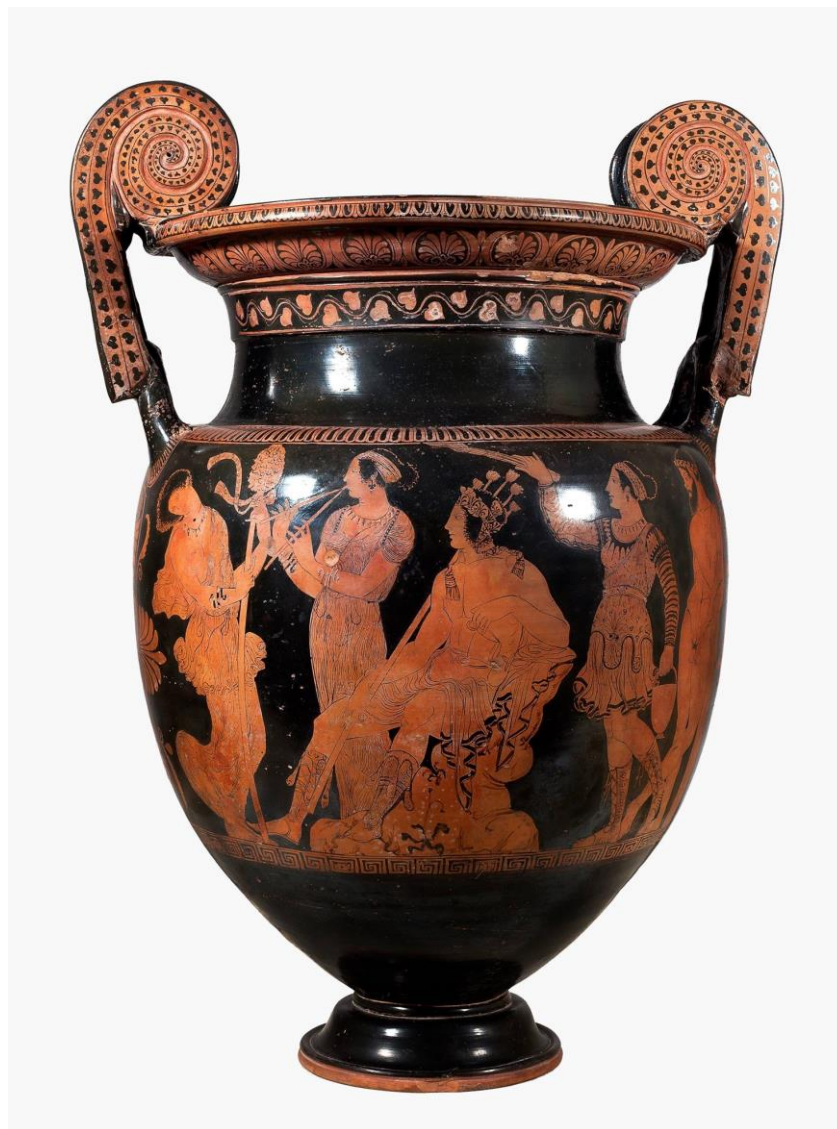


Fig. 59 – Cratera-Voluta proto-italiota, de figuras vermelhas, datada do V século AEC. Ao centro, vê-se Dioniso sentado, tendo ao seu lado uma mênade que dança freneticamente, acompanhada de uma musicista que toca a flauta dupla. À direita, Ártemis avança com uma tocha, enquanto um sátiro, com coroa e tirso, inclina-se em um pequeno pilar. O vaso é atribuído ao pintor de Carnee e está preservado pelo MARTA – Museo Nazionale Archeologico di Taranto. Imagem extraída de: www.museotaranto.org Acesso em 01 set 2019



Fig. 60 – Imagem da Cratera de Taranto, ampliada. Imagem extraída de: <https://www.facebook.com/MuseoMARTA/> Acesso em 01 set 2019



Fig. 61 – *Kylix-Krater* de pinturas vermelhas, oriunda da necrópole da ilha de Lipari (Contrada Diana), Sicília, Itália. Insere-se no grupo de Crateras do Louvre K240, c.360bce, que inclui vasos de Taranto, Gela, Siracusa e Lipari. Datada do IV século, foi encontrada em 1954 e, atualmente, está preservada pelo Museu Arqueológico de Lipari. A peça é considerada uma das mais emblemáticas cerâmicas de pinturas vermelhas da Magna Grécia e exhibe claramente a relação entre a devoção dionisíaca e o universo teatral. Na imagem, vê-se Dioniso sentado, com uma coroa de folhas de hera, segurando um tirso e uma flauta dupla, a assistir a uma apresentação da acrobata nua. Atrás dela, dois atores de comédia observam o exercício. No alto, há duas janelas com outros dois personagens mascarados (máscara branca ou giz, provavelmente feminina), que estão prontos para entrar em cena. O centro da produção deste tipo de vaso é a antiga colônia grega de Paestum, daí o vaso também ser nomeado de Cratera Paestana. Cf. Luigi Bernabò Brea e Madeleine Cavalier, 1965, p. 131. Informações e imagem disponíveis em: www.egramma.it. Acesso em 03 set 2019.



Figuras 62, 63 e 64 – Grupo de estatuetas em argila, século IV AEC, preservadas pelo Museu Arqueológico Nacional de Taranto (MARTA). Imagens extraídas da página oficial do Museu no Facebook: <https://www.facebook.com/MuseoMARTA/> Acesso em 05 de set 2019.





Fig. 65 – Uma coluna dórica sustenta um acrobata etíope, IV século AEC. Imagem preservada pelo Museu Arqueológico Nacional de Taranto e disponível na página oficial do Museu no Facebook: <https://www.facebook.com/MuseoMARTA/> Acesso em 05 de set 2019.



Figuras 66 e 67 – Cratera em forma de sino, de cerâmica vermelha com adições de tinta branca e amarela. Exibe a imagem de duas mulheres acrobatas (lado A) e de dois cupidos auxiliando uma terceira mulher (lado B). Coleção particular de William Randolph Hearst Collection of European Painting and Sculpture. Encontrada em Campania, Itália. Datada de 330 – 310 AEC. Imagem extraída da página oficial do Los Angeles County Museum of Art (LACMA): <https://collections.lacma.org/node/230128> Acesso em 06 set 2019





Fig. 68 - Hídria ática em pintura vermelha. Detalhe de um acrobata. O vaso retrata uma escola de dança no período clássico, provavelmente vinculada aos círculos dionisíacos. Por Polygnoto, 450 – 440 AEC, oriundo de Nola, Itália. Preservada pelo Museu Arqueológico de Nápoles (81398). Disponível em: <https://www.museoarcheologiconapoli.it/>. Acesso em 05 set 2019



Fig. 69 – Estatueta de dançarina em argila, II século AEC, preservada pelo MARTA, Museu Arqueológico de Taranto. Disponível em: <https://www.facebook.com/MuseoMARTA/> Acesso em 06 set 2019



Fig. 70 - Cópia romana (120 - 140 EC) de um conjunto de relevos de Mênades de Dioniso, em Mármore branco. O original grego é um monumento ateniense dedicado a Dioniso e ao teatro, e data do final do V século AEC (410 – 400 AEC), atribuído ao escultor Calímaco. Encontra-se preservado pelo Museu do Prado, em Madrid. Disponível em: <https://www.museodelprado.es/> Acesso em 08 jun 2019



Fig. 71 – Detalhe da Cratera-Voluta (n. 8264) oriunda de Taranto (Puglia), em cerâmica de figuras vermelhas, datada de 405 – 385 AEC (final do período clássico). Na imagem, vê-se Dioniso o nascimento de Dioniso pela coxa de Zeus. Em volta, aparecem Hera, Afrodite e Eros (canto superior esquerdo), Pan (ao centro, sobre Dioniso), Apolo (canto superior direito), Artemis (que não aparece neste detalhe), três ninfas do monte Nisa (canto inferior, à esquerda), Hermes (inferior, à direita) e Sileno (que também não aparece no detalhe). Dioniso bebê sustenta uma coroa de hera e estende os braços a Hera, que veste braceletes, coroa e um cetro real. Imagem extraída de: www.theoi.com. (*Theoi Project – Greek Mythology, K12.13, The birth of Dionysus*). Acesso em 31 jul 2019.